

A PROVOCAÇÃO JANISTA NO RECIFE



A PRETEXTO de manter a ordem ou de salvaguardar o prestígio de sua autoridade, resolveu o sr. Jânio Quadros enveredar pelo caminho do arbítrio e da violência, do desrespeito aos preceitos constitucionais que asseguram a livre manifestação do pensamento e o direito de greve, assim como o direito que tem cada cidadão de protestar e apresentar suas reivindicações — grandes conquistas de nosso povo consagradas na Constituição da República.

DE INÍCIO, foram as ameaças de que nem sequer admitiria entendimentos com trabalhadores grevistas, ou que se preparassem para greves. Houve, em seguida, as violências militares contra os camponeses da Liga de Sapé, na Paraíba; destacamentos do Exército assaltaram seus lares a pretexto de apreender armas de guerra na verdade in-existentes. Veio, depois, a

arbitrária interdição da Rádio "Jornal do Brasil". Mas foram os acontecimentos do Recife que despertaram a nação para as intenções liberticidas do presidente da República. Um movimento estudantil ingenuamente justo, contra um diretor acusado de reacionarismo e corrupção, foi transformado pelo sr. Jânio Quadros em terrível ameaça às instituições e utilizado como justificativa para medidas de exceção que colocaram a cidade do Recife sob intervenção militar, em regime de estado de sítio, ferindo abertamente a autonomia estadual e suspendendo os direitos constitucionais do bravo povo recifense.

AS VIOLÊNCIAS cometidas pelo comando do IV Exército no Recife e em outras cidades do Nordeste, como Aracaju, onde sedes sindicais foram ocupadas e o jornal "Folha Popular" foi assaltado, as prisões il-

gais de líderes operários e de dirigentes comunistas, as demonstrações de força que chegaram a exacerbar grosseiros com o espalhafatoso deslocamento de unidades do Exército e da Marinha do Rio e de outras cidades para o Recife — são fatos que decorrem evidentemente de ordens superiores. Com tais medidas, que pretenderá o governo do sr. Jânio Quadros senão criar no país um clima de desassossego e alarma? E como conciliar tão dispendiosa e desnecessária mobilização militar com a propalada política de economia e austeridade?

A VERDADE é que estamos apenas diante de mera provocação reacionária. O governo do sr. Jânio Quadros procura utilizar-se de um movimento estudantil para atemorizar as forças

democráticas e progressistas, especialmente os trabalhadores das cidades e do campo. Pretende transformar o direito de greve num crime contra a ordem constitucional e eliminar o direito de associação dos camponeses, porque as Ligas lutam contra a brutalidade da exploração latifundiária. E não é por acaso que tudo isso ocorre justamente no momento em que mais claramente se manifesta a intervenção lan-gue nos negócios internos de nosso país. A visita do sr. Stevenson e a proclamada preocupação do governo de Washington com a situação do Nordeste são bastante significativas.

A PRETEXTO de manter a ordem, é o sr. Jânio Quadros quem golpeia a legalidade constitucional. Quer medidas de exceção, porque

os fatos já lhe ensinaram que ao aplicar sua política financeira, tracada segundo os moldes do Fundo Monetário Internacional, terá que enfrentar a oposição crescente do povo. Dentro da lei, a classe operária vem lutando com êxito em defesa de seus interesses, através de movimentos vitoriosos como o dos trabalhadores da construção civil de São Paulo, o dos ferroviários da Companhia Paulista e o dos empregados das empresas de transporte urbano de Niterói. A classe operária não permitirá nenhum congelamento de salários, luta contra a Instrução 201 da SUMOC e se dispõe, assim, a levar à derrota a política financeira do governo.

AS POSIÇÕES antidemocráticas do sr. Jânio Quadros receberam o aplauso entusiástico dos setores mais reacionários do governo

e de fora dele, especialmente daqueles que divergem abertamente de certos aspectos positivos da política externa do governo. Isto mostra como estão equivocados aqueles que, ante a ameaça de golpes reacionários, desejam seja amainada a luta em defesa das liberdades democráticas e em solidariedade aos estudantes e ao povo de Pernambuco. A democracia precisa ser defendida passo a passo e é evidente que não será capitulando diante das violências dos ares do Poder que serão afastadas as ameaças golpistas.

A LUTA dos estudantes do Recife exige a mais intensa solidariedade. A defesa das liberdades reclama a maior vigilância e ação imediata e vigorosa. As conquistas constitucionais de nosso povo podem e devem ser defendidas. É indispensável que os reacionários sintam,

desde o início, que não conseguirão violar impunemente a legalidade democrática. Nas atuais condições do mundo e do Brasil, não tem futuro nenhum governo que se coloque contra o processo histórico em desenvolvimento — processo que se realiza no sentido da consolidação da democracia e da conquista da completa emancipação nacional.

EM DEFESA das liberdades democráticas será possível congregarmos as mais amplas camadas sociais e unificar poderosas forças políticas. Cabe aos comunistas intensificar sua atividade junto às grandes massas e saber lutar, ao lado de todos os patriotas e democratas, com aquele objetivo, tornando ainda mais vigorosa a solidariedade aos estudantes e ao bravo povo do Recife, neste momento diretamente atingidos pela provocação janista.

LUIZ CARLOS PRESTES

NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA A GUANABARA

ANO III Rio de Janeiro, semana de 16 a 22 de junho de 1961 Nº 119

NORDESTE: TANQUES CONTRA ESTUDANTES

TEXTO NA 8ª PAGINA

STEVENSON EXIGIU DE JÂNIO: "AÇÃO COLETIVA" CONTRA CUBA

Texto na 3.ª pág.

CADA EXEMPLAR

10

CRUZEIROS

MEIO ANO DE INÉRCIA

Art. de Orestes Timbaúva na 6a. página

Emissões da Rádio de Cuba

A Rádio de Havana, Cuba, está transmitindo notícias para a América Latina, diariamente nas seguintes frequências: Onda de 25 m., em 11 760 me-

gacilos e 11 770 megacilos e onda de 13 m. em 21 630 megacilos. A Rádio Havana transmite diariamente para a América do Sul, das 22 às 24 horas.

Padres Gaúchos Dizem Que o Marxismo é Bom



Texto na 5ª pág.

Jânio Oficializa o Empreguismo e a Corrupção nos Institutos

Texto na 2.ª pág.

Resposta Aos Divisionistas Art. de Geraldo Santos na 3a. página

A IDEIA E A PRÁTICA DE UM "PRINCÍPIO ABSOLUTO"

Art. de Almir Mato, na 4a. página.

João Dantas volta trazendo êxito: dia 16

O EMBAIXADOR João Dantas que chefiou com êxito a Missão Econômica mandada aos países de Leste europeu a fim de promover a normalização de nossas relações com aqueles mesmos países, estará de volta ao Brasil na próxima sexta-feira, dia 16. O sr. João Dantas partirá de Paris na noite de quinta-feira.

Ajuda a NOVOS RUMOS

Recebemos e agradecemos:

Waldemar Silveira	100,00
Antônio Amancio	50,00
H. Pinheiro	500,00
Amigos de Madureira	240,00
Des. que abalaram o mundo	1 000,00
João Eugênio	300,00

Metalúrgicos Cariocas Preparam Luta Salarial

Texto na 6.ª pág.

LANÇAMENTO SENSACIONAL E EXCLUSIVO GAGÁRIN: o romance do astronauta

Iuri, o piloto de provas e primeiro cosmonauta, conta sua vida e narra em seus mínimos detalhes as peripecias do histórico voo ao espaço cósmico.

O menino — o homem — o comunista — o astronauta

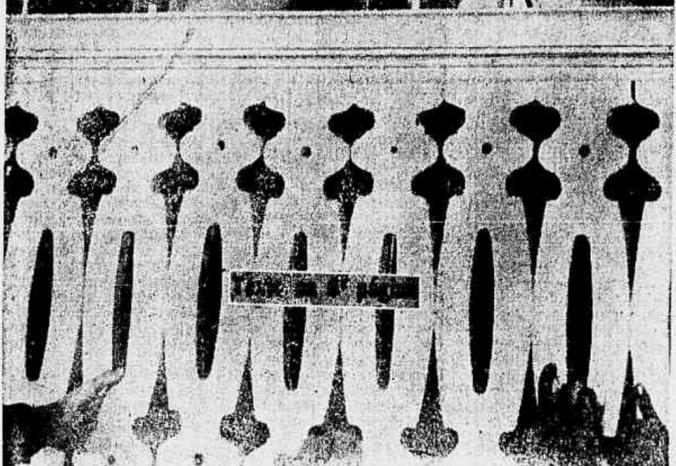
O relato humano e comovente do homem soviético auto da mais espetacular proeza do século.

A PARTIR DO PRÓXIMO NÚMERO

Brasília Vista Por Niemeyer na Galeria 488

Di Cavalcanti, F.F. Saldanha, Joaquim Cardoso, Jayme Maurício, Jorge Amado, Maria Martins, Vinícius de Moraes e Djainira estão convidando para a festa de lançamento do livro de Oscar Niemeyer, «Minha Experiência em Brasília», a se realizar no dia 16, amanhã, às 21 horas, na Galeria 488, à rua Barata Ribeiro, 488, em Copacabana.

Amaral Neto Correu do Povo: Vaias do Méier Condenam Lacerda



Jânio Oficializa o Empreguismo e a Corrupção Nos Institutos

Defende Teu Direito

B. Calheiros Bonfim

O ministro do Trabalho determinou a intervenção no Conselho de Administração do SAPS. O ato ministerial, além de comprovar o que temos dito sobre a pretensão do governo de intervir em todos os órgãos da Previdência Social que não curvem a espinha aos caprichos de Jânio e de seus auxiliares, revelou ainda que os homens do atual governo não querem intervir para moralizar, mas para proteger os desmoralizados e empobrecidos.

presentantes dos empregados e dos empregadores no Conselho de Administração do SAPS, e que acabam de ser afastados de suas funções, denunciaram, publicamente, que foram fortemente pressionados pelos ministros Castro Neves, do Trabalho; Pedroso Horta, da Justiça; Brígido Tinoco, da Educação; João Agripino, de Minas e Energia; e Artur Bernardes, da Indústria e Comércio, para que empregassem os seus protegidos.

que foi julgado inaceitável pelo sr. Jânio Quadros, que o tomou como "desrespeitoso". O texto é o seguinte: "Que Vossa Excelência não permita a repetição de tentativas de devolução da Previdência Social à política e desautorize, portanto, a solicitação do sr. ministro da Justiça, por intermédio do sr. ministro do Trabalho, para que o Conselho de Administração do SAPS (cópia fotostática anexa), para nomeação de elementos estranhos aos quadros para as Delegacias do SAPS, ao arrolamento da Lei e da moralidade administrativa."

aproveitadores, é uma injúria. Essa a conclusão a que se chega.

ILEGALIDADE

O artigo 115 da Lei Orgânica da Previdência Social diz, textualmente, que "O SAPS será administrado por um Conselho Administrativo, sob a fiscalização direta de um Conselho Fiscal." Cabe a esse Conselho, segundo os parágrafos II e III do artigo 104, organizar o quadro do pessoal, de acordo com o orçamento aprovado; e autorizar a admissão, demissão, promoção e movimentação dos servidores.

SAPS, determinando a nomeação de elementos estranhos aos quadros daquela autarquia para ocupar o posto de Delegado em diversos Estados. Ela o texto de uma das determinações, assinadas pelo sr. Dante Pelacani, cuja cópia fotostática foi publicada na imprensa carioca: "De ordem do sr. ministro do Trabalho e do sr. ministro da Justiça transmito a relação de nomes que passam a vigorar como definitivos, ficando prejudicados os nomes das relações anteriores". E segue a relação de nomes para ocupar as Delegacias do SAPS de Alagoas, Pernambuco, Rio do Norte, Santa Catarina, Paraíba, Espírito Santo, Ceará, Cuiabá, Corumbá, Maranhão e Goiás.

melancias, quando sabia ter o SAPS recebido apenas 2916 frutas. Esse homem foi nomeado pelo governo de Jânio para moralizar o SAPS.

PROTESTOS

Esses fatos demonstram não terem nenhuma seriedade as constantes declarações do ministro do Trabalho sobre propósitos do governo, e de sua administração em particular, de respeitar a autonomia dos órgãos da Previdência Social. O fato está aí. Foi aberta, arbitrariamente, a intervenção no SAPS. Foi flagrante a sua ilegalidade que até mesmo os dirigentes da CNTI e da CNTC fizeram chegar os seus protestos ao ministro do Trabalho.

GESTANTE — Embora despedida fora do período de seis semanas anteriores ao parto, faz jus a gestante, quando não tiver dado justa causa, ao auxílio-enfermidade previsto em lei. A despedida em tais circunstâncias, como assinala a Procuradoria Geral, é presumivelmente feita com a intenção de obstar o direito correspondente. Ac. TST — Pleno (Proc. 1.887/59), Relator Ministro Antônio Carvalhal, «Ementário Trabalhista», maio de 1961.

GRATIFICAÇÃO — Entrando em vigor novo nível do salário mínimo, é vedado ao empregador incorporar a este, para efeito de composição do novo salário, gratificação e função ajustada, que vinha sendo habitualmente paga ao empregado. Não há incorporação e, sim, duas parcelas, uma, a do salário mínimo aumentado e outra, da gratificação ajustada, para formarem, juntas, a remuneração. Ac. TST — Pleno (Proc. 568/60), Relator Ministro Maurício Lanza.

MEMOR — O acordo trabalhista deferiu salário mínimo integral a menor não aprendiz. Do recurso extraordinário oposto a essa decisão, não conheceu a Turma deste Supremo Tribunal, pela consideração de que a espécie em face da regra contida no art. 89 e seu § único da Consolidação das Leis do Trabalho, uma vez que, tratando-se de menor não aprendiz, devido à natureza do trabalho, pois desempenhava trabalho de adulto, impunha-se observar a distinção posta no referido inciso legal que somente prevê a redução do salário na hipótese de ser o menor aprendiz, cuja educação profissional não se haja completada. Por outro lado, não há cogitar de inconstitucionalidade da lei, em face do disposto no art. 157, II, da Constituição, que consagra o princípio da igualdade de salário para um mesmo trabalho proibindo a diferença por motivo de idade, sexo, nacionalidade ou estado civil. — Embargos desprovidos. E integral o salário mínimo a quem dirija o menor não aprendiz. Ac. STF — Pleno (Rec. ext. embargos n. 39.220), Relator Ministro Luiz Galloiti, «Ementário Trabalhista», junho 1961.

PERICULOSIDADE — A decisão recorrida reconheceu ao empregado o direito de computar o adicional periculosidade para efeito de indenização por despedida injusta. Embargos rejeitados. O trabalho executado pelo reclamante ligava-o a risco de vida e permanentemente ao risco por cuja causa era pago o adicional. Tal risco não era apenas eventual, e a paga daí resultante, na verdade, incorporava-se ao salário, não podendo ser desvirtuada para fins de indenização. Ac. TST — Pleno (Proc. 446/59), Relator Ministro Luiz A. França.

PREMIO-PRODUÇÃO — Merece confirmação a sentença que adota a tese de que, tratando-se de prêmio produção pago habitualmente, é de se tê-lo como ajustado, não podendo, por isso mesmo, ser suprimido ao arbítrio da empresa. Embargos desprovidos. Ac. STF — Pleno (Rec. ext. emb. 43.230), Relator Ministro Villas Bôas.



PROTESTO CONTRA MISÉRIA
Espectacular passeata parou a cidade de Criciúma, na última greve dos mineiros, em 1960. Até os posseiros de Revoredo, também esbulhados pelos donos da Companhia Metropolitana, se incorporaram à manifestação operária.

Solução Para os Mineiros é a Encampação Das Minas

Reportagem de Raul Neto (Última de uma série de duas)

CRICIÚMA, junho — (do enviado especial) — Os sindicatos dos mineiros da região carbonífera de Santa Catarina (Criciúma, Lauro Müller, Siderópolis e Urusanga) firmaram um pacto de ação com o Sindicato dos Mineiros de São Jerônimo, do Rio Grande do Sul, visando conquistar 60% de aumento salarial e o abono familiar de mil cruzeiros por dependente, a partir de 1º de maio passado.

Quando saímos de Criciúma, os trabalhadores aguardavam o julgamento de dissídios coletivos instaurados perante o Tribunal Regional do Trabalho, sediado em Porto Alegre. Mas, evidentemente, em grande assembleia, haviam delegado poderes à diretoria do Sindicato, para a adoção da atitude mais conveniente aos interesses da corporação. A greve não estava excluída das suas intenções.

«PATRÃO LEVA A MELHOR»

— Preferimos o caminho do dissídio coletivo, desta vez, como crédito de confiança ao governo, que transferiu para cá a sede da Comissão do Plano Nacional do Carvão e também porque estamos percebendo que os mineiros estão interessados em que recorramos à greve, para obter da União novas majorações no preço do carvão — disse-nos o sr. Antônio José Parente, presidente do Sindicato

NOVA DIRETORIA DO SINDICATO DA TELEFÔNICA

Já está empossada a nova Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Telefônicas do Estado da Guanabara, cujo mandato se extinguiu no dia 5 de junho de 1961. A nova Diretoria é composta dos srs. Armando Monteiro Santos, José Azeite Câmara Portocarrero, Aristides Silva, Newton Lemos, Mário de Oliveira e Silva, José de Souza Carvalho e João Guimarães. Do Conselho Fiscal fazem parte os srs. José Ramalho de Souza, Manoel Maravilha Lourenço e Rui Barbosa da Fonseca. Os delegados da Federação são os srs. José Castello Monteiro, Antônio de Jesus da Silveira e Jorge Barbosa.

NADAM EM OURO

No entanto, a prosperidade das companhias mineradoras é um fato visível, ostensivo. O próprio Diomício Freitas, para escapar ao pagamento do imposto de renda, inventou, agora, um clube de futebol, o Metropol. Como se sabe, a Lei do Imposto de Renda proporciona certas vantagens aos contribuintes que fornecem serviços de recreação e assistência social aos seus empregados. O resultado é que o Metropol, apresentado como clube de mineiros, contrata jogadores no Rio, São Paulo e Porto Alegre, pagando "luvas" relativamente vultosas. Além disso, a Cia. Metropolitana construiu um estádio, inaugurado com a presença do Flamengo, do Rio, cuja vinda custou cerca de um milhão de cruzeiros.

Os demais donos de minas integram o cardume das grandes "tubarões" do país. Entre outros, são eles os grupos Jafet, Catão, João Daudt de Oliveira. O atual vice-presidente da Cia. Siderúrgica, nomeado pelo sr. Jânio Quadros, o sr. Heriberto Hulse, também é minerador.

ESTOQUES DE CARVÃO

Não obstante, os mineiros se queixam de que há estoques acumulados, sem comprador, nas Docas de Imbituba. Em parte, a denúncia é verdadeira. O carvão nacional é constituído por um terço de pirita, outro de carvão vapor e o último de carvão metalúrgico. A Cia. Siderúrgica Nacional, que compra todo o carvão catariense, só aproveita o último terço. O carvão-vapor, usado em locomotivas, navios e usinas termoeletricas, está sendo embebido em águas, nas docas de Imbituba, porque a desativação das ferrovias

restringiu o seu consumo. Quanto à pirita, considerada pelos técnicos como a parte mais nobre do carvão de pedra, pois serve para produzir ácido sulfúrico, é simplesmente jogada fora. Não há instalações, em Sta. Catarina, para o seu beneficiamento.

O resultado é que o preço pago pela Cia. Siderúrgica Nacional é arbitrado em função do terço aproveitável.

USINAS TERMOELÉTRICAS

O sr. Sesostres Correia, ex-diretor da Cia. Próspera, atualmente pertencente à CSN, que adquiriu a maioria de suas ações, declarou-nos o seguinte: — A solução para o emprego dos estoques de carvão-vapor é a sua aplicação em usinas termoeletricas. A CSN consome parte desse carvão na sua Usina de Capivari, de 20 mil kw. A usina da SOTELCA, empresa mista do Estado de Santa Catarina em construção e com uma produção planejada de 100.000 kw, poderia absorver parte desse carvão-vapor. Mas, mesmo assim, os estoques não cessariam de aumentar.

SABOTAGEM DA LIGHT

E adianta: — A solução ideal seria transportar esse carvão já transformado em quilote, produzido por usinas termoeletricas construídas na região mineira ou nas suas



NA GALERIA DO INFERNO

Músculos retesados, o mineiro perfura as paredes da escuro galeria, durante horas consecutivas, para retirar toneladas de carvão de pedra, que fazem a fortuna dos donos das minas e a sua ruína física, em poucos anos de trabalho.

LACERDA

Mas o governador Carlos Lacerda, supostamente "o inimigo número um da corrupção e do empreguismo", também enquadrado no esquema nacional de "combate à corrupção", (do governo passado) não ficou atrás. Ele exigiu que o Conselho de Administração do SAPS promovesse o seu sobrinho Sebastião Alvernas, funcionário do Posto de Vendas em Marquês de Valença, onde responde a inquérito administrativo, para chefe da Agência de Barra do Piraí. Lacerda ficou furioso porque não foi atendido imediatamente, e ameaçou a administração do SAPS com o seu "prestígio político". E só assim os baluartes do combate à corrupção e ao empreguismo na Previdência Social.

A INTERVENÇÃO

Esses e outros fatos demonstrativos da interferência oficial nos órgãos da Previdência Social, ao virem a público, através de denúncias dos representantes dos empregados e dos empregadores no Conselho de Administração do SAPS, depois que os mesmos foram afastados de suas funções pela intervenção ministerial, como indicados também nas negociações que ocorrem no SAPS. Nenhum trabalhador põe a mão no fogo pelo sr. Fausto Rivera Cardoso. Todos sabem que ele foi eleito numa farsa articulada pelos próprios homens do governo atual, aliados aos dirigentes da CNTI, CNTTT, CNTC e CNTMFA. Já naquele momento começava o cerco de Jânio à Previdência Social. Mas a verdade é que as eleições foram reconhecidas válidas. O sr. Fausto Rivera Cardoso é, portanto, o representante dos empregados no Conselho de Administração do SAPS. Só uma nova eleição, ou a comprovação de prática de crime, através de inquéritos regularmente realizados, poderia determinar a sua substituição do cargo para o qual foi eleito. Mas isso é problema de competência das próprias instituições da Previdência Social, que dispõem de um instrumento regulador de sua administração.

EXPLICAÇÃO FACIL

Foram os próprios srs. Fausto Rivera Cardoso e Ulhoa Cintra — que afirmam ter votado no sr. Jânio Quadros "certos de que a Previdência Social seria moralizada" — que explicam as razões da intervenção. Dizem: "O nosso afastamento da direção do SAPS, além de legal, visa a perpetuar o empreguismo e a politicagem na Previdência Social."

— Mas não é só isso. Eles revelam também que a intervenção no SAPS é o ponto de partida para a intervenção em larga escala em todos os demais órgãos colegiados da Previdência Social. Intervenção que se iniciou nas próprias eleições desses órgãos, chegou até a substituição dos representantes do governo anteriormente nomeados e atinge, agora, os próprios representantes de empregados e de empregadores.

A FARSA

Por outro lado, a intervenção determinada pelo ministro do Trabalho é uma farsa que os próprios representantes afastados denunciaram, quando esclareceram que do Conselho de Administração do SAPS fazia parte o sr. Archibald Estelita Cavalcanti, como representante do governo e que, a rigor, também ele deveria ter sido afastado. O que ocorreu, entretanto, é que o sr. Estelita, embora também sob suspeita, foi o homem nomeado para interventor no SAPS.

O mais grave, contudo, é que o sr. Estelita não só está sob suspeita por sua participação na administração afastada, como também está indicado em vários inquéritos instaurados em administrações anteriores. Em um desses inquéritos o sr. Estelita é acusado de haver dado parecer favorável, como procurador do SAPS, a que essa instituição efetuasse o pagamento de 16 mil

PROF. FLORESTAN FERNANDES A NR: ESCOLA PÚBLICA EM PERIGO NO SENADO

SÃO PAULO, junho (Da Sucursal) — Alertando contra o perigo que corre a escola pública diante da tendência que já se manifesta no Senado, de aprovar o projeto de Diretrizes e Bases da Educação — substitutivo Carlos Lacerda — conforme o fez a Câmara Federal, o professor Florestan Fernandes, catedrático de Sociologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, em entrevista a NOVOS RUMOS, apela para todas as correntes e grupos que lutam em defesa da escola pública no sentido de que se mobilizem e desenvolvam uma ação sem quartel para evitar o mal que já se prenuncia para o futuro do ensino democrático no Brasil.

ETAPA FINAL

— Qual é a situação atual do projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional? — O projeto se encontra quase em sua etapa final, de tramitação no Congresso. Já recebeu pareceres dos relatores da Comissão de Constituição e Justiça, da Comissão de Finanças e da Comissão de Educação e Cultura. Foram-lhe apostas várias emendas (só na última Comissão, mais de noventa), já encaminhadas para os fins de discussão em plenário, o que, segundo se noticia, deverá ocorrer a partir do dia 7 de junho. Tudo indica que o Senado Federal poderá encerrar suas tarefas, a esse respeito, em prazo muito curto.

MELHORAR

— Existe alguma perspectiva de melhoria do projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no Senado? — Para ser franco, penso que não. As evidências que temos não alimentam grandes esperanças. Em primeiro lugar, quando participamos de uma comissão de estudantes, professores e dirigentes sindicais, que foi a Brasília levar emendas que a Campanha de Defesa da Escola Pública vem defendendo com dedicação, verificamos duas coisas. De um lado, que os senadores atribuem, nessa ocasião, exata importância ao projeto, levando em conta sua significação em face da situação educacional brasileira. De outro, que não pretendiam comprometer-se com nenhuma sugestão, solicitação ou aspiração das correntes que estão fazendo crítica ao projeto: como se quisessem ficar livres para atender às conveniências dos partidos ou dos grupos regionais que lutam representando. Com a expressão do senador Auro de Moura Andrade, que fez uma análise crítica ponderada do referido projeto, os demais se limitaram a ouvir nossas opiniões, concordando alguns com os aspectos irretorquíveis das parcelas. Em conjunto, tal comportamento indica que a maioria

dos senadores consultados, ainda não havia se aproximado do estudo do projeto e de suas deficiências, aguardando para isso o trabalho das comissões. Em segundo lugar, com o término do trabalho das comissões temos elementos para julgar como o Senado Federal reagiu às correntes que têm defendido ou combatido o projeto de Diretrizes e Bases. Os senadores Krieger e Mem de Sá, que o relataram, respectivamente, na Comissão de Constituição e Justiça e na Comissão de Finanças (o primeiro) e na Comissão de Educação e Cultura (o segundo), se identificaram abertamente e claramente com os defensores do infeliz projeto de lei. Sob muitos aspectos, além de defenderem seus interesses, mesmo os mais mesquinhos, ainda pretendem introduzir no projeto medidas que o pioram sensivelmente. Tome-se, por exemplo, a composição do Conselho Federal de Educação. Esse órgão é anômalo e indefensável. Ele deveria ser convertido num serviço técnico de planejamento educacional, em vez de ficar como uma ponta de lança penetrante e mortal dos interesses privatistas no coração do Ministério da Educação. Nada disso se fez; ao contrário, por uma emenda do senador Daniel Krieger ele foi ampliado, de modo a compreender como membros natos os reitores das universidades oficiais, e, por uma subemenda do senador Mem de Sá, a medida foi ampliada de modo a abranger também os reitores das universidades particulares. O que se busca, com a inovação, é evidente: dar a iniciativa privada, principalmente através dos reitores das universidades católicas, uma influência permanente mais extensa e profunda.

O senador Mem de Sá, nos limites da posição que assumiu, fez obra de alcance meritório. Despejou o projeto aprovado pela Câmara dos Deputados de várias medidas nocivas, tornou claros enunciados obscuros e, principalmente, procurou dar organicidade a várias disposições. Isso pode ser percebido por sua contribuição à supervisão daquele veronhoso apêndice de um artigo que estipulava a coligação do Estado de exercer o monopólio do ensino e da perigosíssima extensão do direito de realizar exames de suficiência às escolas normais, faculdades de filosofia, etc., particulares — medida que assegurava às mãos escolas particulares a possibilidade de improvisarem o corpo docente de forma assás impropria. Outros pontos das emendas poderiam merecer idêntico apreço, demonstrando que o senador Mem de Sá, como professor e homem de cultura, atua com inabalável honestidade de propósitos. No entanto, o que há de ruim em sua orientação consiste em ter se identificado com os pontos de vista e com os objetivos dos próprios autores do projeto. Como senador, parece-me claro que devia considerar como tal iniciativa uma emenda de tão grande significação para a coletividade como um todo. Identificando-se com uma parcela da Nação, acabou convertendo-se em advogado dos interesses dos grupos que, primeiro, perverteram a natureza do projeto de lei apresentado em 1948 pelo Executivo e, depois, pressionaram os deputados a aprovarem um texto de lei que fechará na história educacional do País como uma subversão da política educacional republicana.

PRESSÃO POPULAR

— O que se deveria fazer para conseguir um pronunciamento construtivo do Senado, que favorecesse o processo de revisão do projeto de Diretrizes e Bases? — Isso é evidente. Temos de usar as mesmas armas que são empregadas pelos adversários dos autênticos princípios educacionais republicanos. Acreditado que os deputados e senadores são igualmente acessíveis a boa e a má influência. Ocorre que as correntes os interesses da educação popular e da democratização do ensino ainda não conseguiram condições para fazer-se ouvir e, principalmente, para atuar como grupos de pressão organizados. Na pior das hipóteses, os senadores "neutros" acabam sendo envolvidos por disposições de espírito que não são universais e que se equacionam, muitas vezes, como verdadeiros "interesses inconscientes". No caso, impõe-se o dever de levar aos senadores, da melhor forma possível, o que pensam e o que desejam os círculos progressistas do País, que defendem as tendências educacionais inauguradas pela República e lutam realmente pela democratização do ensino através da expansão das escolas públicas e gratuitas, dotadas de bolsas para os alunos pobres, em todos os ramos da instrução

Stevenson Exigiu de Jânio Quadros: "Ação Coletiva" Contra Cuba

"Como resultado dessa visita, sinto-me confiante em que podemos esperar a plena cooperação do Brasil para nosso vital sistema americano, que trabalhamos junto 100 anos para criar". Esta declaração foi feita pelo sr. Stevenson, embaixador itinerante do sr. Kennedy, ao fazer para a imprensa o balanço das conversações que manteve em nosso país com os srs. Jânio Quadros, Afonso Arinos e Clemente Mariani.

E, como se vê, uma declaração nada tranquilizadora para o povo brasileiro. O sr. Stevenson veio ao Brasil, como a muitos outros países latino-americanos, para, negociando e com a "ajuda" do plano lanque "Aliança para o Progresso", obter das nações do Hemisfério novos compromissos para a defesa dos privilégios imperialistas e da política colonizadora do governo dos Estados Unidos.

CUBA

Embora quase nada haja transpirado dos entendimentos secretos mantidos entre Jânio e Stevenson, em São Paulo, as declarações feitas pelo próprio representante de Kennedy deixam claro ter sido este um dos assuntos centrais discutidos. Para os imperialistas de Washington este é um problema de central importância. Os seus emissários junto aos governos da América Latina têm sempre esta como a sua principal incumbência. Antes da fracassada invasão à Cuba, outro enviado de Kennedy, o sr. Adolf Berle, esteve também no Brasil, com a missão de obter o apoio dos círculos governantes de nosso país para a criminosa agressão que pouco depois seria desencadeada. Em Havana, os líderes mercenários da malograda invasão confessaram aos deputados

brasileiros que lá estiveram ter sido esse, precisamente, o objetivo da visita de Berle ao Brasil.

Agora é o sr. Stevenson — o mesmo homem que teve o cinismo de afirmar na Assembleia da ONU que as bombas lançadas contra Havana, nos dias que antecederam o desembarque de tropas na praia de Girón, foram obra de aviadores cubanos e que o seu governo estava alheio a qualquer tentativa de invasão que porventura fosse feita.

Depois de conferenciar com o sr. Jânio Quadros, Stevenson insistiu em afirmar que Cuba constitui uma ameaça não só aos Estados Unidos, mas principalmente à América Latina, acrescentando então, mais uma vez, que o governo norte-americano não aceita concordar com nenhuma sugestão de mediação bilateral.

"Precisamos proteger-nos coletivamente contra os atuais perigos que correm nossas liberdades", disse Stevenson. Isso quer dizer: os Estados Unidos não aceitam discutir de igual para igual com o Governo Revolucionário de Cuba. O que os governos americanos têm que fazer é "proteger-se coletivamente". Isto é, agir "coletivamente" para esmagar as conquistas alcançadas pelo povo cubano graças à sua revolução.

Só pode causar, portanto, intranquilidade que, depois de fazer tais afirmações, o sr. Stevenson declare, referindo-se às conversações que teve com o sr. Jânio Quadros, que se sente "confiante em que podemos esperar a plena cooperação do Brasil para nosso vital sistema americano". Que compromissos assumiu o sr. Jânio Quadros?

CONFERÊNCIA

Em função desse "vital sistema americano" é que se

reuniram em Montevideo, no dia 16 de junho próximo, representantes dos vários países americanos — disponíveis com a presença do sr. Kennedy. Deverá ser então oficializada a "Aliança para o Progresso", manobra imperialista que consiste em distribuir algumas instituições escolares entre os governos do Continente que, em troca, devem abrir portas à penetração dos capitais lanques. E' a isso que Kennedy, Stevenson e todos os advogados dos três chamam o "sistema americano".

Os povos americanos, entretanto, vêm hoje paolizados com mais clareza e se deixam impressionar muito menos com os embustes do imperialismo.

Em sua entrevista à imprensa brasileira Stevenson, depois de elogiar o atual sistema, explicou, como se fosse uma grande vantagem para os nossos povos, que ele já existe há 100 anos.

E' precisamente partindo daí que o povo brasileiro e os demais povos latino-ame-

ricanos perguntam: se esse sistema é tão bom e se já existe há tanto tempo por que não saímos da miséria, do atraso, do analfabetismo e da dominação estrangeira? Por que, depois de um século desse maravilhoso sistema, apresentado sempre como ppanágio da liberdade e da democracia, há tantas feras ditaduras em nosso Continente, como a de Estensoro, no Paraguai, cujas mãos sanguinárias estão sendo corajosamente apertadas por Stevenson? Por que existe tanta preocupação em "preservar" a liberdade, e no Recife, só porque os estudantes foram a uma greve moralizadora, o governo lança contra os jovens inimigos do péso das forças armadas, de terra e mar, do país?

E' inevitável que os povos latino-americanos comparem esse maravilhoso "sistema americano" com as conquistas feitas pelo povo cubano, em apenas dois anos de governo revolucionário: o desemprego e o analfabetismo prestes a desaparecer, a

total entrega aos campos, novas indústrias sendo criadas com espantosa rapidez, o padrão de vida das massas elevando-se de forma impressionante e os jovens estando nas mãos do povo para defender os seus direitos e a vida nova que está construindo para sua própria felicidade.

INDEPENDENCIA

O povo brasileiro já adquiriu maturidade política suficiente para não se deixar mais empurrar pelas mentes do imperialismo e os menobras de seus agentes dentro do país. Nosso povo tem exata consciência de que quer quando exigir do governo do sr. Jânio Quadros, uma política exterior realmente independente, que nos liberte da submissão nos tristes norte-americanos — a dependência, em nome de uma inexistente "colaboração", nosso país continue a ser espoliado pelos imperialistas e arrastado como um rebano em suas criminosas aventuras contra outros povos.

RESPOSTA AOS DIVISIONISTAS

Geraldo Rodrigues dos Santos

O II Encontro dos Trabalhadores Brasileiros, realizado recentemente em Belo Horizonte, teve por objetivos dar um balanço sobre o movimento operário e elaborar um plano de ação, visando a conquista das reivindicações mais sentidas da nossa classe — aumento geral dos salários, revisão dos níveis do salário mínimo, garantia do direito de greve, etc. Ali, o proletariado brasileiro teve também oportunidade, mais uma vez, de expressar firmemente sua solidariedade aos trabalhadores e a revolução cubana.

Este encontro teve, entretanto, um significado muito particular, dado o momento em que se realizou — isto é, quando os divisionistas recrudescem suas atividades, procurando desviar a atenção das massas dos seus problemas imediatos. O argumento que apresentam de combater o que chamam de "política partidária" no movimento sindical passa, na realidade, de pretexto para dividir os trabalhadores, de uma tentativa de impedir as lutas de todos os que sofrem com as consequências nefastas da política econômica e financeira do governo do sr. Jânio Quadros. O aumento do custo da vida, que se vem verificando — 14% em apenas 4 meses! — deve ser necessariamente compensado com a elevação dos salários. Para que essa luta seja vitoriosa, entretanto, é necessário que haja unidade e organização e o que pretendem os divisionistas é preci-

samente lançar a contenda desorganizar, dividir a classe operária.

Esses mesmos elementos operários agora reviver o famigerado "Atestado de Ideologia", já enterrado em conseqüência da luta de todas as massas. Quando procuram impedir que os comunistas ou que outros operários honestos e fiéis à sua classe, exerçam cargos de direção nos sindicatos, o que pretendem, realmente, é prestar serviço à patrões da OBIT, da CIOBI, ou uma palavra ao próprio Departamento de Estado norte-americano que orienta essas organizações todas.

O Encontro realizou-se também depois da vitória esmagadora alcançada pelo povo cubano e seu governo sobre os imperialistas norte-americanos e demonstrou, mais uma vez, pelo calor dos aplausos dirigidos ao povo irmão, a decidida solidariedade do nosso povo à Cuba.

Alguns dirigentes sindicais, já ultrapassados pelos acontecimentos, já suficientemente conhecidos dos trabalhadores, como Deodaciano de Holanda Cavalcanti e Angelo Parmigiani, chegaram, mesmo, a assinar notas contra o "Encontro", tachando-o de "comunista". Mas a verdade é que a reunião de Belo Horizonte pulverizou os divisionistas e contribuiu para isolar os líderes mais da massa operária. Mesmo dentro das organizações que ainda flem sua posição e cada vez mais crescem. Replenite, há estavam 4 membros da diretoria da CNTI e inúmeros sindicalistas filiados à C.T.C.

Mais de 600 delegados representaram, no Encontro, cerca de 300 entidades sindicais de 16 Estados do Brasil. A ele também estiveram presentes dirigentes de organizações camponesas, enquanto grande número de dirigentes e entidades estudantis, de vereadores, de professores, deputados estaduais e federais, o ministro do Trabalho, e o vice-presidente da República, foram prestigiados.

Tudo isto vem demonstrar, mais uma vez, a força já alcançada pelo movimento sindical brasileiro, que não apenas dirige, de forma cada vez mais eficiente, a luta dos trabalhadores pelas reivindicações imediatas, mas também constitui-se no centro das forças que se batem contra a política econômica e financeira do governo, e em defesa das liberdades e da democracia; pela suspensão da repressão; pela suspensão da Lei de Luch e da Bond and Stamp, por uma política exterior independente, etc.

Demonstrando o alto grau de organização política, os trabalhadores souberam aproveitar a posição de governo federal, favorável à autodeterminação dos povos e contrária a qualquer interferência em Cuba, ao mesmo tempo que aproveitaram com vigor a convocação do Congresso de Lavadores e Trabalhadores Artífices, convocado para outubro em Belo Horizonte.

Esses, entretanto, o que foi o Encontro de Belo Ho-

zicite. Trata-se agora de levar suas resoluções para as assembleias sindicais e para as empresas, a fim de fazer com que o proletariado as tome em suas mãos, tornando-as vitoriosas. Destacamos os dirigentes e os salúdos dos divisionistas e contribuímos para consolidar ainda mais a unidade dos trabalhadores — e em cada empresa, em cada sindicato, em cada Estado, em todo o Brasil.

ALMIR MATOS: "CUBA, LIBERTAÇÃO E SOCIALISMO"

Com o patrocínio de NOVOS RUMOS, o escritor Almir Matos a realizar — quinta-feira, dia 22, às 19 horas, no Edifício Glória, rua Francisco Serrador, 21, sala 303 — uma conferência sob o tema "Cuba, libertação e socialismo".

A palestra, que versará sobre os palpitantes temas da atualidade da ilha onde pela primeira vez o socialismo se instala no continente americano, será seguida de debates entre o conferencista e os presentes que tenham dúvidas a dirimir.

Na oportunidade, nosso companheiro Almir Matos autorizará seu recente livro "Cuba: A Revolução na América".

LACERDA PÓS ARINOS NA BERLINDA

A última arenga anticubana do sr. Carlos Lacerda serviu para esclarecer um problema que se mantinha de certo modo obscuro: a recente prisão do adido cultural da embaixada de Cuba, sr. Martin Mora A responsabilidade por essa provocação recaía toda sobre Lacerda, já que o censor Ascension Leite aparecia em seu nome. Mas Lacerda, fiel à sua inquerantável vocação de delator, veio à televisão e pôs a boca no mundo; quem mandou prender o diplomata cubano foi o sr. Afonso Arinos, embora, depois de feita a prisão, tenha o mesmo ministro dado ordens para relaxá-la.

Lacerda revelou toda a trama: em Brasília, o sr. Arinos "sugeriu" ao governador da Guanabara a retenção do sr. Mora, como pretexto para criar um "caso" e, assim, ser pedido o afastamento do diplomata. Lacerda, muito prazerosamente, aceitou a "sugestão". O que ele não podia aceitar é que, depois de tudo, o sr. Arinos quisesse, às suas custas, pagar de bom moço para o público.

Ai, está um exemplo de como que o sr. Arinos, na surdina, ao pé do ouvido, provoca "casos" para dificultar as relações oficiais entre o Brasil e Cuba — o que beneficia, evidentemente, não a causa da autodeterminação, mas a do imperialismo norte-americano.

Atual, como os fatos mostram, não são tão agudas as contradições entre Lacerda e Arinos. So quando Lacerda põe o dedo na ferida e joia na mesa as cartas que Arinos estava escondendo.

Bolívia em Greve Contra Chantagem do Anticomunismo

Coincidência, alguns dias antes da chegada do sr. Stevenson a La Paz, o governo boliviano anuncia haver desbaratado uma "conspiração comunista" e ajunta que o embaixador cubano estava "envolvido na mesma". O fato não é excepcional, constitui uma regra entre os serviços da marca de Estensoro, que sempre procuram motivos para mos-

trar serviço aos seus amos imperialistas.

Que conspiração foi essa? A sua origem está no movimento reivindicatório dos trabalhadores das minas de estanho da Bolívia, que se declararam em greve visando receber os salários atrasados e, também, o fornecimento de gêneros alimentícios para os armazéns nos quais efetuavam suas compras. Não recebiam dinheiro e não tinham o que comer. Greve justa, como se vê, acontecimento normal na vida de um país democrático.

Estensoro percebeu o que tinha nas mãos e montou a farsa. Com isso, agradaria a

Stevenson fazendo jus a um pedido de "auxílio" substancial, e, ao mesmo tempo, justificaria a repressão contra os trabalhadores e evitaria a greve. O tiro saiu pela culatra. Os mineiros se mantêm firmes no movimento, apesar de Estensoro ter mandado prender dezenas de líderes sindicais, além de alguns professores, e está recebendo a solidariedade de trabalhadores e de outras categorias.

O movimento prossegue e também os estudantes bolivianos se declararam em greve, denunciando a provocação montada por Paz Estensoro como "chantagem antipoperária e antinacional".

POSSIBILIDADES DE COMÉRCIO BRASIL-CUBA

Um detalhado informe sobre as possibilidades e as vantagens do incremento do comércio entre o Brasil e Cuba será apresentado pelo deputado Vilar Dias (PSD de Santa Catarina) ao sr. Jânio Quadros O parlamentarista esteve recentemente em Cuba, mantendo entendimentos nancie sentido com o ministro da Economia, professor Reginaldo Botti. Cuba, disse-lhe o ministro cubano, poderia importar do Brasil motores, refrigeradores, madeiras, peças de reposição, aparelhos eletro-domésticos de diversos tipos, fornecendo-nos, em troca, minérios de que precisamos para as nossas indústrias, como o níquel, o cobre e o cromo. O governo cubano, que está levando à prática um vasto plano de industrialização do país e elevando sensivelmente o padrão de vida do povo, manifestou o mais vivo interesse em estabelecer um amplo intercâmbio comercial com o Brasil. O ministro Botti sugeriu inclusive, através do deputado Vilar Dias, que o Brasil realizasse em Cuba uma exposição industrial, oferecendo ainda ao governo de nosso país espaço no rádio cubano para a transmissão de programas brasileiros.

Sabe-se, aliás, que o governo de Cuba, atendendo a uma sugestão do embaixador João Dantas, realizou um estudo sobre as possibilidades de trocas comerciais entre os dois países. O Hamarati, porém, não voltou mais ao assunto.

Cabe acentuar que esse intercâmbio não interessa apenas a Cuba, mas também, e enormemente, ao nosso país. Temos o que exportar para os cubanos e eles têm o que nos fornecer. Por que, então, não converter em atos, mutuamente vantajosos, essas reais possibilidades?

"N. Y. TIMES" DÁ O SERVIÇO ANTES DA HORA

Antes do incauto e os que confiam em que ocorreu algo de novo na política norte-americana em relação à América Latina, um editorial do New York Times, do dia 13 último, pode esclarecer muito. O referido jornal afirma com todas as letras que é "um desenvolvimento muito estranho da doutrina de "novas fronteiras", o esforço do Governo Kennedy, de perpetrar e ainda aumentar a ajuda militar à América Latina", e que "tal política favorece aos ditadores e obriga os países a gastar, individualmente, muito mais na defesa do que realmente podem seus recursos econômicos".

A denúncia do "New York Times", reforçada por declarações do deputado O'Hara, do Lincol, a propósito do pedido formulado pelo Departamento de Estado de enviar armas à América Latina: o Pentágono solicita um "he que em branco do congresso para conservar governos no poder...", desmascara antes do tempo os verdadeiros objetivos que levaram o presidente Kennedy a enviar mais um "cazeiro-viante" (o sr. Stevenson) às terras do Sul, e os rumos que os Estados Unidos pretendem imprimir à conferência interamericana que se realizará em julho próximo em Montevideo.



JÂNIO INSPIRA CONFIANÇA

Se Jânio preferiu ser comedido em suas declarações à imprensa sobre o encontro com Stevenson, o mesmo não acontece com o representante de Kennedy. O embaixador itinerante de Washington, depois de insistir em que "Cuba é uma ameaça sobre-

tudo à América Latina", acrescentou que deixava o Brasil confiante no que lhe dissera Jânio e certo de que o governo brasileiro colaborará cada vez mais na defesa do "sistema americano". A foto é da entrevista, em São Paulo.

Nota Econômica

Josué Almeida

A 204 E A ESCASSEZ DE CRÉDITO

Logo depois de ter sido publicada a Instrução 204 da SUMOC, foi assinalado, mesmo por aqueles que no essencial a aplaudiram, que em futuro próximo poderia verificar-se uma séria retração no mercado de crédito.

Tal previsão baseava-se no fato de que o governo não apenas manifestava o propósito de reduzir ou diminuir o ritmo das emissões de papel-moeda, como também porque o mecanismo cambial criado pela 204 determinaria a canalização de grandes recursos para a caixa do Banco do Brasil. Como se sabe, pela Instrução 204, o importador comum, aquele para quem os bancos não oferecem facilidades especiais, viu-se obrigado a fazer um duplo desembolso em cruzeiros: ao fechar o contrato de compra de câmbio e ao realizar depósito em cruzeiros, de igual quantia, no Banco do Brasil, recebendo em troca letras de importação. Se tudo isso não bastasse, estas últimas, por sua vez, passaram a constituir objeto do mais lucrativo emprego de capital. E tanto particulares, como os próprios bancos, passaram a investir somas elevadas na compra de letras de importação do Banco do Brasil — negócio meramente especulativo, sem nada acrescentar à produção — tornando ainda mais escassas as disponibilidades de crédito.

Entre os diversos aspectos da política emanada de estabilização monetária, que o FMI impôs ao Brasil, a restrição do crédito ocupa lugar importante. Entretanto, como essa política tem determinado, em todos os países subdesenvolvidos, um retrocesso econômico, notadamente no setor industrial, é contra ela também que se têm levantado, em todos os países, as principais resistências. O Brasil não foge a essa regra.

Em recente trabalho, entregue ao presidente do Banco do Brasil, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo assinalava: Nos últimos meses, tem-se verificado uma crescente insuficiência de créditos bancários para as atividades industriais e comerciais, chegando no momento a atingir proporções alarmantes. Em outro trecho do mesmo documento assinado, que esta publicação tenderá a colocar em risco não só a possibilidade do aumento da produção das empresas, mas o seu nível atual. E como o governo Federal não deseja que o ritmo de desenvolvimento

do país seja comprometido, é necessário que as autoridades monetárias tomem algumas medidas que contrabalancem os efeitos depressivos da sua presente política financeira no setor privado.

Que os industriais paulistas não exagerem quando falam em "proporções alarmantes", basta atentar para que, segundo se afirma, só a indústria automobilística já dispôs cerca de 4.000 operários. Em comentário publicado na semana passada, "O Estado de S. Paulo", que defende a política do FMI, apela para uma mudança do governo, nestes termos: «Julgamos indispensável respeitar o direito de sobrevivência de empresas cuja situação econômica é satisfatória, bem como a necessidade, para os operários dessas empresas, de receber pontualmente os seus salários.»

No Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais e outros Estados não é outra a situação observada. Ainda na semana passada, em reunião mantida com os representantes das classes conservadoras em Belo Horizonte, o presidente do Banco do Brasil ouviu palavras muito claras sobre o assunto. O presidente da Federação do Comércio de Minas, por exemplo, depois de solidarizar-se com a política financeira do governo, advertiu que ao sustentarem as finanças públicas não deve representar sacrifícios para as pequenas e médias empresas, muitas das quais, em Minas, estão na iminência de paralisar suas atividades, em virtude das dificuldades para obtenção de crédito.

Foi, certamente, cedendo a essas pressões que o governo fez baixar as Instruções 206 e 207 da SUMOC, primeira das quais reduz em 20% os depósitos obrigatórios no Banco do Brasil correspondentes às letras de exportação, e a segunda reduzindo à metade os depósitos obrigatórios que os bancos particulares têm que manter no Banco do Brasil, bem como facilitando o rescaldo de duplicatas de empresas industriais pelo estabelecimento oficial de crédito.

E' difícil dizer se apenas estas medidas serão suficientes para fazer face à situação, ou se o governo terá que ender mais diante de novas resistências opostas à sua política por aqueles mesmos que a apóiam...



Latifúndio é o grande mal

"No Nordeste a média de vida não chega aos 30 anos, a mortalidade infantil é espantosa e o custo de vida, para as grandes massas consumidoras, é cerca de 25% mais alto que no Centro-Sul do país", disse o eng.º e prof. Murilo Coutinho, ex-secretário da Viação do governo de Pernambuco, em conferência pronunciada terça-feira na ABI, a quinta do ciclo de palestras promovido pelo Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional. O conferencista historicou o desenvolvimento do Nordeste, acentuando a disparidade da Renda Nacional daquela região para as regiões Centro e Sul. Apontou as duas grandes soluções para arrancar o Nordeste do atraso em que se encontra: a mudança da estrutura agrária, com a supressão dos grandes latifúndios improdutivos, e a industrialização. "Há mais de 50 anos, disse, o DNOC procura fixar o homem à terra. Mas não basta fazer obras. É preciso atingir o latifúndio. E isso ainda não foi possível, devido à composição do Congresso, onde predomina a maioria de representantes dos latifundiários". Referiu-se às Ligas Camponesas, afirmando que elas representam "um fator de pressão social para resolver os problemas do Nordeste". Mencionou também as consequências negativas para o Nordeste da Instrução 204 da SUMOC. A conferência foi dada por Murilo Coutinho foi assistida e aplaudida por grande número de pessoas e seguida por animado debate. Na foto, o dr. Murilo Coutinho quando pronunciou a sua conferência, tendo ao lado o engenheiro Fernando Lôbo Carneiro.

Fora de Rumo

Paulo Moffa Lima

Iniciou-se a semana com notícias procedentes de Brasília, sobre as repercussões, ali, da provocação armada contra os estudantes e trabalhadores de Pernambuco. A transtorno do sr. Jânio Quadros para o Horto Florestal de São Paulo era interpretada em círculos da capital federal como medida de prudência. O próprio presidente da República, segundo uma versão jornalística, estaria vendo no Nordeste o primeiro ato de um drama político e teria observado, ao arrombar as malas para São Paulo: «Não me pegam na redeira».

Muitos outros rumores são referidos no noticiário de Brasília. Assim, além da frase sobre a roteira, haveria outra, do sr. Jânio Quadros: «Ou governar sem arrepios, ou não governar». Um cronista da Nova Capital faz a seguinte observação a respeito do nervosismo verificado em Brasília: «O presidente da República não parece estar tranqüilo, ou sua tranqüilidade é demastada».

Insiste-se em observar que os órgãos do Executivo, praticamente, já se deslocaram todos de Brasília. Ao mesmo tempo, como estamos vivendo duas semanas sem ordem do dia na Câmara Federal, estão os deputados dispensados do comparecimento, encontrando-se a casa entregue às baratas.

Mesmo quando não se trata de "dia não", há em relação à Câmara uma situação de abandono. As dificuldades de instalação e o alto custo da vida em Brasília determinaram, por parte de quase todos os jornais, redução drástica do pessoal encarregado de fazer a reportagem parlamentar. O noticiário da Câmara e do Senado, desde que as duas casas deixaram de funcionar no Palácio Tiradentes e no Monte, reduziu-se bastante, já tendo atingido o nível da indigência, o que se diz no parlamento vem ficando entre quatro paredes. O povo está sem notícia do que fazem seus representantes. Casos como o de Pernambuco, no tempo em que a Câmara funcionava no Rio, já teriam repercutido em debates. Esses debates estariam nas manchetes cardeas, seriam transmitidos com rapidez e eficiência para São Paulo, Porto Alegre, Recife, Belo Horizonte, Salvador, enfim, para os principais centros políticos. A intervenção militar de fato, o desrespeito à autonomia pernambucana e a provocação ao povo pernambucano estariam sendo denunciados ao País, desde o primeiro instante.

Mudando de assunto, o que há em a cabeça do sr. Juscelino Kubitschek? Falando à imprensa em Belo Horizonte, sobre a invasão de Cuba, o ilustre valésita observou que a invasão "foi uma crônica dos Estados Unidos" e que se os americanos quisessem mesmo invadir Cuba adoviriam entrar para valer.

A IDÉIA E A PRÁTICA DE UM «PRINCÍPIO ABSOLUTO»

Almir Matos

O deputado San Tiago Dantas forneceu a "O Globo", nos primeiros dias deste mês, uma longa entrevista (ou um parecer) a propósito de questões jurídicas e políticas ligadas à revolução cubana. Embora não tenha alcançado maior repercussão, é necessário, mesmo numa breve nota, assinalar o sentido desse pronunciamento e chamar a atenção para alguns aspectos que ele contém ou sugere. Afinal, o sr. San Ti-

ago Dantas não é nenhum Athon Vieira: além de um dos mentores do Partido Trabalhista, é comum atribuir-se ao sr. Dantas a responsabilidade de principal redator da Declaração de Santiago do Chile, aprovada na V Consulta de Ministros das Relações Exteriores (1959), na qual as chancelarias americanas pretendiam definir os "princípios da democracia" que devem vigorar em nosso Continente.

O parlamentar mineiro, que já foi presidente da Comissão Jurídica Interamericana, apresenta-se em sua entrevista como um estudioso que, "sem dificuldade nem incerteza", analisa os problemas e objetiva, dispostos a extrair deles todas as conclusões e, com imparcialidade, indicar as soluções justas.

Defende, por exemplo, o princípio da autodeterminação, considerando-o mesmo um "princípio absoluto". Afirma o sr. San Tiago Dantas, referindo-se ao regime político de Cuba: "Quer esse regime seja democrático, quer seja antidemocrático, quer seja totalitário, nenhuma nação tem o direito de intervir para impor sua concepção do Estado ou seus princípios jurídicos ao povo cubano". Embora encontre um erro político quando menciona o "comunismo como um regime antidemocrático", do ponto de vista jurídico, como tese, a idéia é exata. A autodeterminação não pode ter limites além daqueles estabelecidos pelo próprio povo que se autodetermina. Qualquer interferência estranha — militar, econômica ou política — é uma violação do "princípio absoluto", que deve por isso ser rejeitada, com a punição de seus responsáveis, sempre que se verificar.

Mas nesse ponto, exatamente, é que se revela ser apenas aparente a imparcialidade do sr. Dantas. O jurista que se propunha ser frio e objetivo cede o lugar ao político que tem como tarefa a defesa do sistema interamericano e dos "princípios democráticos" definidos na Declaração de Santiago". A análise do problema passa a ser, então, uma escamoteação dos fatos e uma negação, na prática, da boa doutrina.

De que modo os fatos são escamoteados? O sr. San Tiago proclamou que a autodeterminação é um "princípio absoluto", não podendo ser admitida a intervenção de um Estado em outro, qualquer que seja o regime existente no país em que se interveio ou em que se ameaça intervir. Quando se trata de Cuba, porém, não seria honesto nem "imparcial" desconhecer que essa intervenção já se deu. Todo o mundo, literalmente, sabe que o governo dos Estados Unidos vinham adotando medidas intervencionistas contra Cuba (pressão diplomática, boicote econômico, financiamento de bandos terroristas e ataques aéreos) desde 1959. E todo o mundo sabe que, em abril deste ano, tropas mercenárias organizadas, financiadas, equipadas e dirigidas pelo governo dos Estados Unidos, invadiram o território cubano com um objetivo muito claro: derrubar o regime que é unanimemente apoiado pelo povo cubano, no exercício do seu di-

reito de autodeterminação, para restaurar um regime que esse povo não aceita e já foi por ele derrotado, mas que é que mais convém aos monopólios e ao governo dos Estados Unidos. Todo o mundo ouviu o presidente norte-americano, sr. Kennedy, confessar, sem a mais leve cerimônia, ser sua a responsabilidade dessa intervenção, assim como todo o mundo teve notícia, semanas mais tarde, do sequestro da Guerra dos EUA perante o Senado lanque relutando os mínimos detalhes dessa operação militar, inclusive esclarecendo que nela foram gastos, pelo governo norte-americano, mais de 45 milhões de dólares.

Se a análise do sr. San Tiago Dantas fosse realmente imparcial teria chegado a esta conclusão inevitável: o "princípio absoluto" da autodeterminação foi violado pelo governo dos Estados Unidos, que deve por isso receber a condenação não só dos povos (isso foi feito, em memoráveis demonstrações de rua), mas dos dirigentes de todos os países americanos. Se se quiser ser honesto, não há co-

mo fugir a essa evidência. Assim mandam o direito e os fatos.

Mas o sr. San Tiago orienta o seu raciocínio em outra direção. E, esquecendo o "princípio absoluto" da autodeterminação, depois de eliminar da história a criminoso agressão ao povo cubano, passa a considerar, como se o princípio debase-se de ser absoluto, supostas "ameaças à segurança da América". Essas ameaças partiriam de Cuba e de sua "ditadura popular", como o sr. Dantas prefere definir o Governo Revolucionário cubano.

Dizemos que são supostas as "ameaças à América". Mas não queremos com isso dizer que a revolução cubana — e, de resto, a luta libertadora e revolucionária de todos os nossos povos — não constitua nem uma ameaça. Há ameaças, sem dúvida, e não teria sentido negá-las ou diminuir a sua importância. O que é preciso é definir as coisas com clareza, não nos deixando impressionar com jogos de palavras nem por embustes como "solidariedade americana" ou "pan-americanismos". A revolução do povo

cubano na medida em que representa um exemplo para os demais povos do Continente, implica uma séria ameaça à dominação imperialista, ao atraso semifeudal, à corrupção dos políticos e às tiranias em nosso Continente. Essa parte da América — uma minoria numericamente insignificante, mas voraz e desumana ao extremo — está, sem dúvida, ameaçada pela revolução. Benignidade, portanto, essa revolução, tão poderosa por suas raízes históricas e populares, que ameaça, com o seu simples exemplo, a submissão aos monopólios e governos estrangeiros, o atraso, o analfabetismo e a miséria das massas em todos os países do Continente.

E aí surge outra escamoteação dos fatos. É que a revolução cubana, no mesmo passo em que é um perigo para os monopólios e o latifúndio, para os que se enriquecem com a fome e a ignorância das massas, constitui não uma ameaça mas, ao contrário, uma promessa e uma luminosa perspectiva para a parte imensamente maior da América: os milhões de oprimidos e

famintos que conquistaram, com o seu sofrimento e as suas dores, o direito de falar em nome da América.

O sr. San Tiago Dantas é um cruzado do "pan-americanismo" e da "solidariedade continental". Em sua idéia das intervenções, acha no entanto que se deve "atrair Cuba ao seio da família americana". É necessário entender bem o que o deputado trabalhista quer afirmar. Cuba não abandonou a "família americana". Rompeu, sim, com um passado vergonhoso que permitia ao país ser saqueado, não pela "família americana", mas por uma centena de "famílias" de milionários dos Estados Unidos, associadas a outras tantas "famílias" cubanas que haviam perdido todo o resquício de honradez e patriotismo. A substituir Cuba a essas "famílias" é o que, objetivamente, pretende o sr. Dantas. Isto é: restaurar os privilégios da "United Fruit", da "Standard Oil", dos proprietários de centenas de casas, dos beneficiários do analfabetismo e da prostituição. Mas o povo cubano já decidiu que não deseja

esse sistema: por isso lutou, por isso se perderam em Cuba 20 mil vidas, por isso foi esmagada a intervenção militar norte-americana. Não vê o sr. Dantas que é um ultraje ao povo cubano "atrair-lo" para o atraso e a vergonha de que ele se libertou? E de que modo o sr. San Tiago imagina poder fazê-lo sem ferir o "princípio absoluto" da autodeterminação? Dirigindo práticas ao povo cubano, que já repeliu triunfalmente os bombardeiros e os canhões restauradores de Kennedy?

Haveria muito ainda o que comentar na entrevista (ou parecer) do sr. San Tiago Dantas. Estamos, a final, diante de um famoso professor de Direito, com incursões inclusive na diplomacia. Mas a verdade é que existem causas inapelavelmente, indefensáveis, mesmo pelo mais arguto talento jurídico. E a mais perdida dessas causas — e, em nossos tempos, a do imperialismo — não se trata de talento nem de argúcia. Trata-se de prazos fatais. Prazos de uma advertência, professor, mas o imperialismo já esgotou todos os prazos admissíveis.

Teoria e Prática
Apolônio de Carvalho

A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO NÃO É POSSÍVEL SEM A DIREÇÃO DE UM PARTIDO MARXISTA-LENINISTA

(Resposta à leitora Dirce Neves, de Piracicaba, Estado de São Paulo)

Os marxistas não se limitam a reconhecer a existência das classes e da luta de classes. Afirmam que essa existência é transitória, está hoje em sua fase final, e lutam para abreviá-la. Não é marxista, pois, quem compreende a luta de classes até o fim, até a ditadura do proletariado. Só através da conquista do Poder político, a classe operária pode expropriar as classes exploradoras, instaurar a propriedade social sobre os meios de produção e de troca, criar condições para uma sociedade nova e sem classes: o comunismo.

São tarefas novas e difíceis. Se a luta pelo Poder político exige uma vanguarda comunista experiente, sábia, conhecedora das leis e dos caminhos da evolução social, essa exigência é ainda maior sob a ditadura do proletariado. Não se trata apenas de que a luta de classes reveste formas novas e mais agudas. A revolução socialista distingue-se de todas as revoluções anteriores em que não nasce nem medra no seio da sociedade anterior. A conquista do Poder político não é seu corolário: é apenas o seu início. Daí, a tarefa imensa de transformação da economia, em bases novas instituídas sobre a propriedade social; a transformação das consciências, a criação de uma nova moral e de uma nova cultura, a modelagem dos homens na ideologia, no humanismo socialista.

Além disso, essa transformação deve fazer-se em ritmo e em ambiente de luta, dentro do choque interno de classes e dentro da concorrência e da luta entre os sistemas. A ditadura do proletariado deve realizar, em anos, o que os países burgueses desenvolvidos efetuaram em séculos de acumulação e evolução capitalistas. Ela deve, em particular, cumprir a tarefa difícil e delicada de transformação da pequena produção e da pequena propriedade em produção e propriedade coletiva, na cidade e no campo; combater e vencer as resistências arraigadas que vêm da força do hábito, da inércia das tradições; conhecer a ação das novas leis econômicas, abrir-lhes caminho, orientar a técnica, a planificação, e a aplicação dos princípios de direção do Estado e das massas no sentido da transformação mais rápida da economia, das classes e grupos sociais, do Estado e do conjunto da vida social.

Está aí porque, na era da ditadura do proletariado, a direção política do Estado assume um papel crescente e decisivo. A construção do socialismo equivale à transformação da velha sociedade em todos os sentidos. Essa transformação efetua-se de maneira consciente, sob a orientação organizadora do Estado socialista e do partido marxista-leninista da classe operária. Semente deste partido apoiado na teoria e apoiado nas massas populares, pode guiar com segurança e conduzir até o fim a transformação das formas de propriedade, de produção e de vida social e apagar os restos do capitalismo na estrutura do país e na consciência dos homens.

Compreende-se, assim, que a hegemonia da classe operária, sua direção política unificada, seu apoio nas massas populares sejam os princípios essenciais da ditadura do proletariado. Qualquer que seja o caminho, quaisquer que sejam suas formas, a unidade política da classe operária, através de seu partido marxista-leninista, constitui, com a aliança operário-camponesa, a condição essencial da construção e do coroamento do socialismo.

OS CAMINHOS DE DESENVOLVIMENTO PARA OS PAÍSES ATRASADOS (I)

Wladyslaw Gomułka

Publicamos hoje a primeira parte do trecho do informe apresentado por Wladyslaw Gomułka, primeiro-secretário do Partido Operário Polonês Unificado, perante a VII sessão plenária do POPU, realizada nos dias 20 e 21 de janeiro deste ano. Nesse informe, Gomułka apresentou um relato sobre as atividades da Conferência dos representantes dos partidos comunistas e operários, realizada em Moscou, em novembro de 1960.

O trecho reproduzido faz parte do capítulo do informe que trata da competição entre os sistemas socialista e capitalista.

Dois grupos de países integram o sistema mundial capitalista — os países altamente desenvolvidos e os países subdesenvolvidos que se encontram em diferentes etapas de desenvolvimento. Em 1959, o mundo contava com 2 bilhões e 905 milhões de seres humanos. Os países do sistema socialista eram habitados por 1 bilhão e 18 milhões de almas, isto é, 35,1% do conjunto da população mundial, e os países do sistema capitalista, por 1 bilhão e 886 milhões de habitantes, isto é, 64,9%. Apenas 29,3% (552 milhões) do número total da população dos países do sistema capitalista habitavam os países altamente desenvolvidos, e 70,7% (1 bilhão e 334 milhões) habitavam os países subdesenvolvidos.

Existem entre o primeiro e o segundo grupo de países do sistema capitalista contradições diversas e um profundo abismo econômico que os separa. O primeiro grupo é representado por 17 países altamente desenvolvidos que, segundo os cálculos estimativos, concentram cerca de 88 por cento da produção industrial do mundo capitalista, enquanto que o insignificante resto, cerca de apenas 12%, constitui a parte dos países do segundo grupo. A economia dos países altamente desenvolvidos é essencialmente unilateral e se acha no papel de reserva de matérias-primas dos países capitalistas industrializados.

A derrocada do sistema colonial e a liquidação do domínio político das grandes potências sobre os povos dos países subdesenvolvidos não desatará absolutamente o nó das contradições do mundo capitalista. Pelo contrário, elas revelarão até ao âmago as contradições que o capitalismo não está capacitado a resolver e que minam todo o seu sistema mundial. A fonte principal das fraquezas do sistema capitalista mundial, minando suas bases por dentro, é o antagonismo entre as metrópoles do imperialismo — os países capitalistas altamente desenvolvidos — e a maioria esmagadora dos países e dos povos economicamente atrasados e dependentes. Conquistando sua independência, os povos coloniais não liquidaram automaticamente a exploração de seus países pelos monopólios capitalistas, não se libertaram da dependência econômica que acarreta a dependência política para as antigas metrópoles. Na maioria esmagadora, os países libertados, as propriedades e os bens do capital estrangeiro não foram tocados.

Entre os povos dos países que repeliram o jugo colonial e os países subdesenvolvidos vê-se crescer com uma força irresistível a aspiração a libertar-se da miséria e do atraso secular que em grande medida eram o resultado do domínio colonial do imperialismo. Esses povos aspiram cada vez mais a romper as cadeias da dependência econômica das grandes potências imperialistas, aspiram a atingir plena soberania política e econômica. O movimento de libertação nacional propaga-se não apenas nos países que ainda permanecem na servidão colonial, mas também naqueles que, possuindo já há muito tempo a autonomia política, aspiram a se livrar dos monopólios e dos proprietários de plantações estrangeiros, que desejam administrar-se eles próprios em seus países.

A comparação da renda nacional por habitante em diversas regiões do sistema capitalista testemunha a extensão da miséria e da pobreza dos povos dos países subdesenvolvidos, a diferença de seu nível de vida em relação ao nível da parte rica do mundo capitalista, conquistada em grande parte às suas custas. O cálculo aproximado da renda nacional em 1958 (calculada em preços médios para os anos de 1952/1954), por habitante, de 17 países capitalistas altamente desenvolvidos eleva-se a 3.050 dólares, enquanto que para os outros países do sistema capitalista ela chega a apenas 125 dólares, isto é, 8,5 vezes menos. O primeiro grupo de países, que representa cerca de 30% da população, adquire-se dos 77% da renda social produzida em todo o sistema capitalista, restando para o segundo grupo, que abrange mais de 70% da população, apenas 23%. Este grupo é, além do mais, notavelmente diferen-

ciado. Conta-se por habitante da América Latina, com efeito, cerca de 300 dólares; da África, cerca de 90 dólares; do Oriente Médio, cerca de 190 dólares e da Ásia (exceto o Oriente Médio e o Japão), cerca de 70 dólares. Calculada por habitante desta região asiática, que possuía, em 1958, 718 milhões de habitantes, ou seja, 29% da totalidade da população do sistema capitalista, a renda social era quantitativamente 16 vezes menor que nos países capitalistas altamente desenvolvidos e, com relação exclusiva aos Estados Unidos, esta diferença é 27 vezes maior.

Na época em que o sistema colonial ainda não estava abolido, quando dominava no mundo o imperialismo, o problema dos países subdesenvolvidos e dependentes não representava uma ameaça direta para o sistema capitalista. Os imperialistas e os colonialistas reprimiam e afogavam em sangue toda luta de libertação nacional, adaptavam a economia desses países às suas necessidades, exploravam e pilhavam impunemente as suas riquezas, desenvolviam seu próprio país às custas dos países coloniais. A miséria e a pobreza econômica e o atraso social dos países e dos povos submetidos eram de seu interesse, facilitavam-lhes a dominação sobre os povos subdesenvolvidos.

Hoje, quando a dominação imperialista faz parte de um passado morto, quando a evolução da humanidade encontra-se cada vez mais sob a influência decisiva do sistema socialista, o problema dos países atrasados torna-se o problema central do sistema capitalista. Na cadeia deste sistema os países subdesenvolvidos constituem com efeito os elos mais fracos. Aspirando a

sair da miséria e do atraso, estes países perguntam-se se podem fazê-lo permanecendo no caminho capitalista de desenvolvimento.

O problema do desenvolvimento dos países atrasados concentra hoje a atenção de numerosos economistas burgueses e inquieta profundamente os governos dos Estados imperialistas. Como é possível que os Estados imperialistas, para os quais este problema era no passado completamente indiferente, venham mesmo a manifestar atualmente uma profunda inquietação por seu desenvolvimento econômico?

Não é difícil encontrar uma resposta. A razão disso é o temor justificado diante do fato de que, em virtude do ritmo rápido de desenvolvimento dos países do sistema socialista, o estado atual das coisas nos países atrasados do sistema capitalista é uma ameaça de que novos países se desligarão dele sucessivamente. O ritmo rápido de desenvolvimento dos países socialistas, no momento em que se observa um fraco ritmo de desenvolvimento dos países atrasados do sistema capitalista, pode tornar-se e se torna um estimulante que impele estes últimos ao caminho do mundo socialista. É precisamente este fato que é o motivo da crescente inquietação dos Estados imperialistas.

A história dos países do sistema socialista, que, na sua maioria, eram mais ou menos atrasados, e em alguns, como, por exemplo, a República Popular da China, que ainda hoje o são, provou que rapidamente se pode libertar do atraso ingressando no caminho socialista de desenvolvimento. O ritmo de desenvolvimento dos países socialistas é inaceissível

para os países atrasados do sistema capitalista. Três são as causas disso.

Em primeiro lugar, porque uma grande parte de sua renda nacional vai de diversas formas, para os bolsos dos monopólios capitalistas e de seus Estados; em segundo lugar, porque nas condições sociais existentes nestes Estados é impossível movimentar as imensas reservas de energia criadora dos povos, o que é indispensável para aumentar a acumulação e os fundos de investimento, e finalmente, em terceiro lugar, porque uma grande parte da renda nacional desses países é empregada improdutivamente pelas camadas improdutivas da sociedade.

Os cálculos estimativos dos peritos do Organização das Nações Unidas nos informam que se os países subdesenvolvidos do sistema capitalista colocassem permanentemente a si a tarefa extremamente modesta de elevar a renda nacional em apenas 2% por habitante, aceneceria então que, tendo em conta o índice de seu crescimento demográfico, os fundos de investimentos outorgados anualmente deveriam atingir a soma de 19-20 bilhões de dólares em preços correntes. Ora, a acumulação anual líquida de todos esses países representa um valor entre 6 e 7 bilhões de dólares. Dessa forma para atingir os 2% de crescimento da renda nacional calculado por habitante, falta a esses países a soma de 13 a 14 bilhões de dólares por ano para a realização desta modesta tarefa.

Se mesmo por milagre se conseguisse atingir esses dois por cento, então os países em que a renda por habitante não ultrapassa atualmente de 100 dólares por ano — e eles englobam cerca de um bilhão de habitantes do mundo capitalista — teriam necessidade de mais de 70 anos para atingir a renda nacional dos habitantes da Polónia, sem falar dos países mais desenvolvidos que a Polónia. Mas mesmo sonho tão modesto é irreal. Segundo os dados da Organização das Nações Unidas (United Nations World Economic Survey 1955, New York, 1956), a situação no domínio da produção industrial e agrícola de todos os países subdesenvolvidos não melhorou em muito, pois, considerando o índice 100 para a produção de 1938, esta elevou-se em 1954, portanto no período de 16 anos, em apenas 5%, calculado por habitante. E o que é mais grave é que nos países do Sudeste da Ásia baixou de 10% a produção per capita durante um período análogo. Os anos seguintes não trouxeram igualmente progresso algum nesse domínio.

(Cont. no próximo número)



Vamos ao Ballet Stanislavski

Apresentar-se-á, no dia 20 do corrente, no Teatro Municipal de São Paulo e, posteriormente, no dia 29, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, o conjunto de ballet do Teatro de Música de Moscou Konstantin Stanislavski e Vladimir Nemirovich.

O conjunto, mundialmente conhecido como Ballet do Teatro Stanislavski, partiu da União Soviética a fim de realizar uma excursão por cidades do Brasil, Argentina, Chile e Uruguai.

O público brasileiro, que já teve o feliz ensejo de apreciar dois importantes grupos de dança da URSS — o ballet do Teatro Bolshoi e o conjunto Estrélas do B. Het Soviético — entrará agora em contacto com um dos mais

primorosos e aplaudidos espetáculos de dança existentes na URSS.

O Teatro Stanislavski, criado em homenagem ao grande ator russo, mantém a tradição da dança clássica cultivada pelo seu grupo de ballet, que se eleva ao mesmo nível de qualidade do mundialmente célebre conjunto do Teatro Bolshoi.

O repertório do ballet do Teatro Stanislavski inclui as mais célebres obras da dança clássica universal, como o Lago dos Cisnes, de Tchaikovski, ao qual pertence a obra da fada. Outras peças que poderão ser vistas são: Fada da Rainha, de Tchaikovski, Stravinsky, com música de J. Strauss e Corsário, de A. Adan e L. Delib.

CUBA: A REVOLUÇÃO NA AMÉRICA de Almir Matos



- Por que surgiu e triunfou a revolução cubana?
- Que papel tiveram as classes e os partidos no processo da revolução?
- Por que e de que forma Cuba tomou o caminho do socialismo?
- Quais os motivos da vitória sobre os invasores?
- Que significa a revolução cubana para a América e o mundo?

Estes são alguns dos palpitantes problemas debatidos no livro

CUBA: A REVOLUÇÃO NA AMÉRICA de Almir Matos

Um lançamento da Editorial Vitória em todas as livrarias

Editorial Vitória Ltda. Rua Juan Pablo Duarte, 50/abradura - Telefone: 22-1613
São Paulo: Editora Alfa Ltda. Rua Anhanguera, 50 - Barra Funda - Telefone: 52-7492
Pedidos pelo Rembolsão à Caixa Postal 165 Rio de Janeiro 08

NOVOS RUMOS

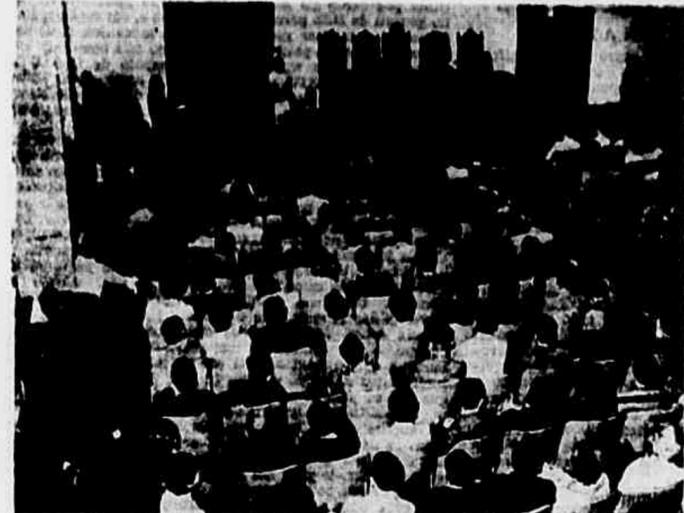
Diretor: Mário Alves
Diretor Executivo: Orlando Bomfim Junior
Redator Chefe: Engomim Borges
Gerente: Gutierrez Cavalcanti
Redação: Av. Rio Branco 257, 11º andar 20112 - Tel: 42-7514
Circulação: Av. Rio Branco 257, 9º andar 20085
SITUAL DE S. PAULO Rua 15 de Novembro, 228, 8º andar - 8/827 - Tel: 37-5314 - Endereço telegráfico: NOVOSRUMOS
ASSINATURAS
Anual R\$ 70,00
Semestral R\$ 35,00
Trimestral R\$ 13,00
Apoio anual, mais R\$ 20,00
Apoio semestral, mais R\$ 10,00
Apoio trimestral, mais R\$ 5,00
Número atrasado R\$ 10,00
Número atrasado R\$ 10,00

MARXISTAS E CATÓLICOS EM DEBATE DEMOCRÁTICO:

O Que há de Mais Imoral é a Exploração do Homem

PORTO ALEGRE, junho (do Correspondente) — "Não vejo obstáculos a que possamos estar unidos no plano da ação prática. E principalmente por sermos marxistas consideramos que o principal é a ação concreta. Delimitadas as opiniões no campo ideológico, nada nos separa no campo da prática". Este foi um dos momentos culminantes no debate entre o escritor marxista Jacob Gorender e o padre Jesuíto Lourenço Puntel, católico da Faculdade de Filosofia Cristo Rei, de São Leopoldo, que se seguiu a uma das três conferências pronunciadas por Jacob Gorender nesta cidade, a convite dos estudantes da Faculdade de Ciências Econômicas.

Imoral da sociedade em que vivemos se espelha na exploração do homem pelo homem. Como vemos, temos vários pontos de contato. Temos distinções de princípio, é certo, mas na prática estamos unidos".



A foto apresenta um aspecto do auditório da faculdade, vendo-se ao centro da mesa o conferencista, ladeado pelos acadêmicos Marcondes Isolani e Walter Rechenberg, presidente e secretário de cultura do CEUCE.

Debate ideológico

Com a presença de dezenas de padres e seminaristas, o professor Jacob Gorender realizou uma conferência sobre a teoria marxista na Faculdade de Direito de Porto Alegre, assistida por enorme número de pessoas.

Trata-se de uma iniciativa dessa entidade estudantil, que antes havia promovido duas conferências do professor gaúcho Francisco Machado Carrion, defendendo a doutrina social cristã. Jacob Gorender pronunciou três palestras, todas seguidas de debates: "A Concepção Filosófica do Marxismo", "O Marxismo e a Sociedade" e "O Marxismo e a Realidade Nacional".

TRES PALESTRAS

Jacob Gorender foi a Porto Alegre atendendo a um convite da Secretaria de Cultura do Centro dos Estudantes Universitários de Ciências Econômicas da Faculdade de Economia da Universidade do Rio Grande do Sul para pronunciar uma série de conferências sobre o marxismo.

Constituíram-se essas palestras em um verdadeiro acontecimento cultural na capital gaúcha. A primeira teve lugar no salão de conferências da Faculdade de Ciências Econômicas. Tão grande foi o interesse despertado que o salão ficou superlotado, e dezenas de pessoas foram impossibilitadas de ouvi-la. Em face disso, já a segunda palestra foi realizada no auditório da Faculdade de Direito.

DIALOGO

As conferências de Jacob Gorender impressionaram profundamente, tendo ampla repercussão inclusive na imprensa. Um dos seus aspectos mais interessantes é que elas suscitaram um proveitoso diálogo entre o conferencista e vários sacerdotes católicos e seminaristas que as assistiram. Esse diálogo ganhou vivacidade sobretudo ao surgir o problema da moral comunista, formulado inicialmente pelo padre Lourenço Puntel.

"Para os comunistas o que há de mais imoral é a exploração do homem pelo homem, e na luta contra isso não medimos esforços", afirmou Jacob Gorender sob entusiásticos aplausos do auditório, depois de expor a concepção marxista de moral.

O padre Puntel interveio, então, admitindo que também ele se opunha à exploração do homem pelo homem e que estava "deslumbrado com a doutrina marxista". Jacob Gorender, esclarecendo a atitude dos comunistas em face de observações feitas pelo sacerdote, declarou que os marxistas não se limitam a constatar as realidades negativas para o ser humano contidas na sociedade capitalista, mas as combatem e lutavam por soluções justas, não se mantendo numa posição meramente contemplativa, como é próprio dos idealistas.

Verificou-se, nessa altura, o debate que produzimos no início desta nota e que deu lugar à seguinte afirmação do padre Lourenço: "Quem dizer que ama a Deus e estiver explorando o seu próximo é um grande hipócrita!"

Verificou-se, nessa altura, o debate que produzimos no início desta nota e que deu lugar à seguinte afirmação do padre Lourenço: "Quem dizer que ama a Deus e estiver explorando o seu próximo é um grande hipócrita!"

Fortaleza: Padres Ameaçaram Agredir Mãe de "Che"

FORTALEZA, junho (do Correspondente) — Novamente a intolerância religiosa, a ação de padres fascistas viola os preceitos da Constituição brasileira. Depois dos acontecimentos do Rio Grande do Sul, quando a c e r e dotes comandaram uma baderna para impedir a realização de palestras do líder comunista Luiz Carlos Prestes, Fortaleza assistiu indignada às provocações montadas pelos padres José Maria Pontes e Hélio Campos, contra a sra. Célia Guevara, que visitava a capital cearense a convite de entidades estudantis e personalidades do Estado.

torial, criticou acerbamente a atitude do governador que pôs "à mostra a sua pequenez de espírito, a sua total ausência de convicções democráticas".



QUIS CONHECER TUDO

D. Célia Guevara, em sua "tournee" por diversas cidades brasileiras, procurou ver de perto todos os aspectos de nossa vida. Na foto, quando, em companhia do livreiro Manoel Coelho Raposo, visitava a "Feira do Livro", em Fortaleza.

A mãe do lendário "Che" que lutou em Sierra Maestra ao lado de Fidel, deveria visitar o bairro de Parambi, nesta capital, a convite da União dos Ferrovários locais. Contra essa visita se insurgiram os atrabilhários s a e r d o s. Retornaram então a esta provocação, insultando a violência e foram à imprensa dizer "que a visita da sra. Guevara ao bairro seria impedida a qualquer custo".

Diante do clima de provocação criado pelo padre e seguidores de que o mesmo havia preparado já uma malta de desordeiros para desencadear um conflito que poderia assumir proporções mais sérias, os membros da comissão que trouxe a sra. Célia Gueva-

Tópicos Típicos

Pedro Severino

Na entrevista que deu ao JORNAL DO BRASIL, de domingo passado, o escritor norte-americano Carlton Beals, que ora nos visita, fez interessantes declarações.

Segundo Beals, que é ensaísta, novelista e historiador, o chamado sistema interamericano se esborçou quando os Estados Unidos tentaram promover nas Américas, por meio de pressão política e dólares, uma "nova Santa Aliança" contra Cuba.

De acordo com acusação por ele expressamente formulada, o presidente de Honduras rompeu com Fidel Castro apenas para abocanhar 14 milhões de dólares dos norte-americanos, e até a véspera do rompimento, disse, as relações entre os dois países eram amistosas. O presidente de Honduras telefonou para a Embaixada de Cuba pedindo desculpas e explicando que precisava de dinheiro.

Depois de elogiar a política de João Quadros com relação a Cuba, Beals concebeu a entrevista com fecho de ouro: «Todos os homens honrados das Américas estão entrosados na guerra de independência das nações, do melhoramento econômico dos povos, contra o colonialismo e o imperialismo.»

Enquanto Beals falava no JORNAL DO BRASIL, o governador da Guanabara, que não aprecia a política de João Quadros com relação a Cuba e não está entrosado na guerra de independência da nação alguma, nem combate o colonialismo ou o imperialismo, dava mais uma demonstração do seu estilo de governo. Acompanhado do coronel Ardovino, durante uma "blitz" de repressão ao lenocínio, o governador visitou pessoalmente algumas dezenas de bordéis, inspecionou centenas de prostitutas.

Não estado cujo população vive atormentada diariamente pela falta d'água, pela deficiência de transportes, pelo lixo, sem hospitais, sem telefones e com salários de fome, é notável que o governador se dedique a aborrecer meretrizes.

Estará colhendo material para o seu novo livro de contos?

Em uma das casas de tolerância que visitou, ao que me contam, o governador encontrou certa resistência passiva por parte das meretrizes, que se recusaram a prestar quaisquer informações e permaneceram mudas em face do interrogatório intencional da autoridade.

PROJETO DE DIRETRIZES, CONSAGRA UM REGIME DE PRIVILÉGIOS

Apesar de retirada da ordem-dia do Senado, o projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional agita novamente os meios estudantis. A UBES, através de sua Secretaria de Assuntos Sindicais, acaba de dirigir-se em ofício a todos os trabalhadores, por meio de seus sindicatos, proclamando-os a uma ampla frente única para combater o referido projeto. Diz a nota: «Apelamos para o trabalhador porque sabemos que nossa luta tem a mesma finalidade. Se somos a favor da escola pública, é porque ela favorece mais ao filho do trabalhador. Portanto, se há comunhão de idéias, deverá haver comunhão de forças. Solicitamos, pois ao prezado companheiro, que envie telegramas e ofícios ao Senado e à Presidência da República protestando contra o projeto de Diretrizes e Bases.»

Assim o documento: Sebastião Tavares de Moraes, secretário de Assuntos Sindicais, e Jarbas Miranda de Santana, presidente da UBES.

PASSEATA Também os estudantes de Manaus mobilizaram-se. Dirigidos pela União de Estudantes Secundaristas de Manaus (UESA) vêm repudiando publicamente aquele Projeto. Nesse sentido realizaram grande comício, que contou com a presença de mais de 1.000 estudantes amazonenses. O comício foi precedido de uma vibrante passeata pelas principais ruas da cidade.

INQUÉRITO EM PERNAMBUCO Com o patrocínio do Centro dos Estudantes de Pernambuco processo em todo o Estado um inquérito sobre

MARXISTAS E CRISTÃOS

Respondendo à pergunta de um assistente sobre a possibilidade de uma unidade ideológica entre marxistas e cristãos "em torno de problemas humanos, de vez que as duas doutrinas colocam o homem no mais alto pólo da natureza", disse Gorender:

"Na luta prática por reivindicações sociais e políticas, pode existir a unidade entre elementos das duas correntes, sem que cada qual abandone o seu próprio pensamento. Isso, aliás, é o que vem se dando diariamente, nos sindicatos, nas associações estudantis, etc."

DEBATE DEMOCRÁTICO

As conferências do escritor Jacob Gorender e a atitude que, no seu transcurso, foi assumida por numerosos padres, seminaristas e estudantes católicos, mos-

transformações econômicas sociais e culturais do país, pois revigora muitos aspectos negativos do sistema tradicional do ensino preservando seu caráter seletivo e antidemocrático.

O documento é encerrado com tomada de posição clara: «Conscientes da nossa situação de universitários privilegiados, manifestamos nos veementemente contra o projeto de Diretrizes e Bases, por ser o projeto a oficialização do atual estado de coisas do setor educacional. O nosso protesto, longe de constituir mera expressão verbal de repúdio, confirmará-se por um movimento em prol da opinião pública, a partir das entidades estudantis, no sentido de se esclarecer o nosso povo sobre os obstáculos que a aprovação do projeto traria, para a nossa educação.»

Nestes termos não pode ser outra a posição da juventude brasileira, que a de exigir a rejeição (total) e veto ao projeto de Diretrizes e Bases, de maneira a possibilitar, pelo reexame do assunto, que sejam incorporadas à futura Lei Básica do Ensino, os princípios verdadeiramente reformadores capazes de fazer de nossa Universidade aquela instituição reclamada pelo povo brasileiro.

Assinaram o documento todas as delegações presentes. Também o professor Florestan Fernandes, de S. Paulo, que pronunciou uma conferência no Seminário a advertiu que o projeto encerra perigos ocultos em suas emendas, fazendo com que a aprovação da Câmara prevista significasse a manutenção do "statu quo" do atual regime escolar brasileiro, especialmente no setor universitário.

tram como é possível o diálogo entre marxistas e católicos, no plano doutrinário e, mais do que isso, a sua unidade no terreno da ação concreta em torno de problemas comuns. Esse é o caminho justo a seguir e não o recurso a métodos obscurantistas, a paus e faças, como infelizmente se deu há pouco em algumas cidades gaúchas, por culpa de elementos intolerantes do clero.

ENTREVISTA

Em entrevista concedida ao jornal "Correio do Povo", declarou Jacob Gorender:

"Fiquei realmente encantado com a receptividade dos estudantes gaúchos. Demonstraram interesse pelo assunto, além de aceitar o livre debate de qualquer ideologia em clima de tolerância. Isso demonstra uma grande maturidade. E referindo-se à troca de opiniões com os representantes católicos:

"Para surpresa minha, havia entre a assistência padres e seminaristas, que debateram o problema com a maior naturalidade, demonstrando que um católico pode discutir livremente com qualquer marxista e resolver as suas dúvidas. Em esclarecimentos solicitados, durante os debates, houve padres que concordaram, em diversos pontos, com a teoria marxista, e discordaram em outros, de forma bastante liberal e democrática."

ENTUSIASMO

A iniciativa da CEUCE alcançou completo êxito. Após a última conferência de Jacob Gorender, os dirigentes dessa entidade estudantil não escondiam o seu entusiasmo. "Acertamos em cheio ao convidá-lo", diziam os estudantes referindo-se às conferências de Gorender. "Esperamos que surjam outras ocasiões como essa e que a nossa iniciativa sirva de exemplo a outras organizações."

Canto de Página Enéida

A ILHA DAS OITO MÔÇAS

A história é tão bonita que não posso conter a vontade de contá-la para todos vocês. Parece uma novela ou um filme bom; é simples e romancada como são todas as histórias que falam de coragem, persistência, amor; como todas as histórias que construímos.

E assim: oito jovens — bem jovens e escrevendo estou vendo seus retratos sorridentes, lenços à cabeça, olhos amendoados, dentes claros, — moravam numa província chamada de Fuchien, na China. Viviam na península de Lienchang, centro de pesca, com uma produção agrícola muito baixa, sem gado nem criação. Apenas de peixe. Na primavera de 1958 o povo local tomou conhecimento do socialismo: ampliação das plantações, produção maior, maiores colheitas, criação de animais, etc. O apelo do Partido chegou aos corações sadios dessas oito moças. Olharam para a terra em que viviam, para o céu azul, para o mar e pensaram: — quem sabe? — talvez naquela ilhazinha que seus olhos viam bem distante, talvez ali pudessem criar tudo que necessitava a sua povo.

Ilha deserta, oito moças bem moças, tudo isso parecia aventura e sonho. Mas elas olharam o apelo do Partido e saíram num barco de pesca enquanto a manhã apresentava-se cheia — exageradamente cheia — de sol. Levaram mantimentos, alguns objetos necessários à laboriosa. Foi dura a travessia: mar forte e alto cortando o pequeno barco; mas, antes da partida, disseram-lhes o secretário local do partido: — Nos apoiaremos vocês; naturalmente encontrarão muitas dificuldades mas temos certeza que serão valentes.

Quando desembarcaram na ilha tiveram um choque: era ela tão seca e nua que lhes parecia hostil. Onde encontrariam água para beber, tomar banho? Saíram em diversas direções procurando um abrigo e uma fonte. Passaram a primeira noite discutindo o que viram e sentiram. Tudo lhes parecia tão ruim que para terem coragem resolveram compor uma canção que dia assim: "Estamos contentes quando trabalhamos / gloriosa é a conquista da / ilha de Tachu / Somos oito irmãs e um só pensamento / não tememos dificuldades / Na ilha deserta / criaremos nossos lares."

E longa a história — lutas, tempestades, seca — e deita não contarei senão o começo e o fim. O começo para apresentar essas oito moças valentes, reunidas, irmãs, num só pensamento; o fim para dizer que essa ilha hoje está coberta pelas plantações, produzindo batatas, arroz, feijão, etc. Outros jovens foram por elas estimulados e vivem hoje na ilha. Oito povos escavados dão água para a terra enquanto a nossa granja cresce, vivem, procriam, galinhas, carneiros, coelhos.

Essa ilha chama-se hoje a ilha das oito moças. Vejo seus retratos numa revista chinesa: há escolas e festas e a alegria com que partilham aquela manhã de sol hoje é muito maior para as oito pioneiras. Abrirei os olhos para o dia ou fechando-os para a noite elas devem ter a enorme alegria da tarefa cumprida.

Uma história tão bonita que transmito a todos vocês. Sabiam já dessa Ilha, dessa história? Ou que sabiam não ficariam aborrecidos pelo meu contar. E tão bom falar de construção, tão bonito narrar o maravilhoso que aconteceu na vida.

OS MÁRTIRES DA LIBERDADE

Homero Pinheiro

Há oito anos, em 19 de junho de 1953, às vinte horas, eram assassinados na cadeia elétrica de Sing-Sing em New York, o casal de judeus — Julius e Ethel Rosenberg, sob a acusação de transmitir segredos sobre a bomba atômica à União Soviética, e graças à intervenção ditada pelo "Juiz" Irving R. Kaufman, também judeu, autor da aberração jurídica mais monstruosa de que se tem notícia nos últimos tempos, só comparável com a de que foram vítimas Nicolas Sacco e Bartolomeu Vanzetti, também inocentes, eletrocutados em 22 de agosto de 1927.

A justiça de classe norte-americana, levantando contra si o clamor da opinião pública do mundo comovido, colimava com a brutal condenação de dois inocentes, possuídos de inextinguível sentido de dignidade humana e de fidelidade aos seus princípios, reforçar a maré montante da inextinguível história guerrreira, alimentada pela propaganda dos trusts e monopólios ianques em pânico ante o "perigo de paz", que impedia a macebrata alquimia de transformar sangue em dólar. O caráter de classe da justiça burguesa revelou-se na esse processo em toda sua hediondez, não só pela parcialidade do juiz, que por falta de provas concretas levantava chicanas jurídicas e pela testemunha principal, David Greenglass, um "calmo sorridente", desmascarado como instrumento do FBI pelo primeiro magistrado da Corte Suprema de Utah, James J. Wolfe, como também — e principalmente — pela decisiva influência do anti-semitismo, sobrepondo o imperativo da classe ao da raça.

O presidente da Associação Internacional de Juristas Democratas, Denis Nowell Pitt, cuja fama como jurista dispensa comentários, denunciou este ato infame, ordenado pelos juristas de Wall Street, que levou à orfanidade Michael e Robby, afirmando: "A atmosfera em que se desenvolveu o processo era tal que a mera suspeita de filiação comunista era suficiente para assegurar a condenação." E vergastando com o látigo da ironia o espírito feroz e delinqüente que presidiu a todas as etapas do processo, acrescenta: "Olive do processo a impressão de que o comunismo e a URSS se empregavam com um pano vermelho frente ao touro, de tal sorte que, somente com o mencioná-los, fosse o não fosse a menção Justificada como pertinente aos argumentos, tornava-se extremamente difícil assegurar uma justa consideração judicial da prova ou do caso em geral". Rui também, em seu tempo, causticava com seu verbo inflamado o ódio zoológico, sob a toza de magistrado: "Não haverá espírito desapaixonado que não recue de horror ante o parto de ódios monstruosos, que se acoberta no simulacro da acusação criminal".

Ethel e Julius, estes dois vultos soberbos da bravura moral e da dignidade humana, marcaram, com seu sacrifício, um momento decisivo para a sagrada causa da liberdade e da paz, frustrando os planos de uma eminente hecatombe guerrreira, meticulosamente preparada pelos herdeiros de Hitler.

O juiz William O. Douglas concebeu o último recurso legal do "sursis" por julgar que "os esposos Rosenberg deviam beneficiar-se de um "sursis" da execução, porque sua condenação à morte era ilegal", o que foi negado pela Corte Suprema. O advogado o gaúcho Emanuel Bloch fez os mais dramáticos apelos em defesa de seus constituintes. Almas inocentes de falsa imputação, contrastando com a figura sinistra do advogado do movimento progressista, norte-americano John Rogge. Os maiores expoentes da Física Nuclear — Einstein, Higin Bothom, Suvalov, Hansson W. Boldwin, J. A. Campbell, John W. Campbell e outros — vieram com seus depoimentos corroborando o caráter de falsa judicialidade apoiada no terreno movediço das provas circunstanciais, divovertidas e inconsistentes, mas que não por isso deixaram de ser arroladas como autênticas e reveladoras.

No seu dramático pedido de graça ao então presidente Eisenhower, que lhe recusou a clemência, Ethel Rosenberg declarava: "Somos inocentes como proclamamos e sustentamos desde a época de nossa prisão. Esta é a verdade. Desconheço esta verdade seria pagar certo demais o dom inocência, vel que é a vida, pois que se comprássemos assim nos-

so direito à vida, não poderíamos mais viver com nossa dignidade e o respeito de nós mesmos". E mais adiante acrescenta: "Quando a força coerciva da pena é na verdade empregada para matar as idéias, sejam elas quais forem, o governo passa a ser um instrumento de tirania".

Vingar o assassinio do Ethel e Julius Rosenberg é caminhar com decisão e coragem, sob a luz do seu exemplo, a bandeira da paz e da fraternidade de todos os povos!

ANTENOR NASCENTE

Filólogo sempre a serviço do povo, poderia ser chamado Antenor Nascente, que vai cumprir, no dia 17 de junho, 75 anos. Sendo do origem humilíssima e vindo na vida unicamente pelo seu próprio esforço, o professor do Colégio Pedro II e das Universidades do Rio de Janeiro e do Estado do Rio Grande do Sul imprimiu o d e m e r i t a r i o, que caracteriza as suas idéias, aos seus livros, que, pela escolha de temas e pela sua elaboração simples e sintética, falam uma linguagem acessível ao povo. Pela sua aversão ao purismo e seu interesse pela língua falada, que os gramatiqueros, no seu reacionarismo, desprezavam, deu uma nova orientação nos estudos filológicos no Brasil, libertando-os do pedantismo e da busca ridícula de regrinhas e regras gramaticais. Numerosos ensaios e livros, entre os quais sobressaem o "Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa", altamente apreciado na Europa, e o excelente manual "O Idioma Nacional", são uma das mais altas expressões da ciência brasileira.

Zenick Hampels

BILHETE A BRUNO DE MENEZES, NO PARÁ

Dalcídio Jurandir

Bruno, amigo: Me pede você uma nota sobre a nossa Vila da Barca para o seu álbum Ilustrado. Pois a Vila da Barca, mais que a barca de onde nasceu na beira do rio, navega em boa fama. Grandes reporteres, grandes cronistas, já falaram dela. Enéida reclamou dali um romance, fizeste um poema, outros reclamaram do governo, apontaram aquilo como uma das vergonhas do Brasil e choraram e se cobriram de ternura pelos pobrezinhos da Vila da Barca.

A Vila, vi em 53, era o batismo dum barco, ali vizinho, estaleiro de um conhecido meu, densavam. Andei pelas pontes da Vila, a água lá em baixo, crescia, sempre íntima de tudo. Não abei de todo mau. Não era mais aquela escurinha, mas tão triste (tão pobre)! Vila da Barca da minha juventude, salúdo recém do casco transatlântico, o velho raso mais terrestre que marítimo, hoje mais dentro de nós que lá na Vila. Aquela, Bruno, foi mais. Não tinha a literatura e a pintura para falarem dela. Era o da velha barca, mãe da Vila, a gente ainda o refo do da lama, da margem do rapaz que fui! Vila-se ainda o refo da velha barca, mãe da Vila, a gente pisava nas estivas, nas vergas, a barca chovendo ainda a mar.

Passou-se, passou-se como se diz nas histórias. A Vila da Barca mereceu estudos de sociologia, reportagens eminentes, álbum de desenhos e não sei como está agora, não pude vê-la nesta viagem de abril. Outras vilas vi, em Belém, mais encharcadas "baixas" e "baixas" que fazem a gente gritar: mas, não se vive?

Se vive, sim, e é preciso que não.

60 Mil Metalúrgicos Cariocas Partem Para a Batalha Salarial



Copo d'água gera um conflito

Uma simples brincadeira levou a que a passeata de estudantes, em sua maioria secundaristas, que se realizava pelas ruas da cidade na dia 7, reivindicando melhores condições no Calabouço, degenerasse em um conflito no Largo de São Francisco, envolvendo a Escola Nacional de Engenharia. Um copo d'água atirado de uma das janelas da ENE atingiu alguns participantes da passeata que, de ânimo exaltado, foram ao recinto. A incompreensão se generalizou, adquirindo certo vulto. A UME, promotora da passeata, em nota oficial lamentou "a atitude de alguns elementos que, agindo inconscientemente, deram origem ao conflito, que jamais esteve nas cogitações dos organizadores da passeata". É "estranhável, em todo

isso, a atitude assumida pelo sr. Jânio Quadros, que, pondo mais lenha na fogueira, determinou pessoalmente ao ministro da Educação que seja identificado "todo o bando, ou parte do bando" para que sofra "castigo exemplar". Oposta é a atitude da UME, interessada em restabelecer a concordância entre os grupos de estudantes que se desaviaram. Falando a NR, o presidente em exercício da UME, Carlos Heitor Miranda, disse que "procurando solucionar de modo justo a situação, estamos dispostos a examinar na próxima Assembléia-Geral da UME a possibilidade dessa entidade indenizar a Escola Nacional de Engenharia". Na foto, aspecto dos acontecimentos.

Mais de 60 mil trabalhadores metalúrgicos cariocas e dos vizinhos municipais fluminenses começaram a ser mobilizados para a campanha pelo novo reajustamento salarial. A decisão foi adotada na III Conferência Intermunicipal dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e do Material Elétrico da Guanabara, que se realizou de 9 a 11 do corrente, com a participação de cerca de 300 delegados, eleitos em mais de 100 estabelecimentos industriais.

A Conferência dos Metalúrgicos, que durante três dias debateu os mais importantes problemas da classe e do movimento operário brasileiro, foi encerrada com uma bonita festa, na tarde do dia 11 último.

RESURGE A BANDA

Um dos pontos altos da sessão de encerramento foi, sem dúvida, o ressurgimento da Banda de Música dos Metalúrgicos. O fato mereceu registro por estar relacionado com a própria história do movimento sindical da corporação. Com efeito, os metalúrgicos sempre se revelaram amigos da música. Já em 1927 os músicos-operários deixavam o serviço nas fábricas e se dirigiam à sede do seu Sindicato, para reunir-se na primeira banda musical do setor. Mas o governo interveio no Sindicato e destruiu tudo de bom que nele existia. Inclusive a banda de música. Por isso

é que foi emocionante o reaparecimento de um novo agrupamento de músicos metalúrgicos, que tiveram a estréia sob a batuta do popular Jarraroca, o conhecido "Mestre Filó" da Lira de Nopoto.

ORGANIZAÇÃO

O conclave dos cariocas, que foi um dos muitos atos realizados em todo o país, de preparação do III Congresso Nacional dos Metalúrgicos, revelou o crescente processo de desenvolvimento da organização dos trabalhadores filiados ao Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara.

A campanha de sindicalização, lançada na II Conferência, realizada em março de 1959, foi plenamente vitoriosa. O balanço realizado na III Conferência revelou que o plano traçado, visando a sindicalização de 10 mil metalúrgicos, foi alcançado e ultrapassado, com o recrutamento de 10.154 novos sócios. O Sindicato conta, agora, com 31.057 filiados, o que constitui cerca de 50% de todos os trabalhadores empregados nesse ramo industrial. Se considerarmos que a taxa de sindicalização, em geral, não vai além de 15% em cada categoria profissional, concluímos que realmente se fortaleceu o Sindicato dos Metalúrgicos cariocas.

CONSELHOS

Mas não só o plano de sindicalização foi ultrapassado. Os metalúrgicos ultrapassaram, também, o plano de organização de Conselhos Sindicais. A Conferência revelou que foram organizados 25 novos Conselhos Sindicais, quando o plano inicial estabelecia a organização de apenas 15. Três novas Delegacias sindicais, que não constavam do plano, foram também organizadas e instaladas e encontram-se em pleno funcionamento.

CAMPEÕES

O plano de sindicalização se desenvolveu em todas as empresas que se encontram na área atingida pelo Sindicato da Guanabara. Uma viagem a São Paulo seria o prêmio para o operário que sindicalizasse mais de 100 metalúrgicos. Quatro operários ultrapassaram o teto estabelecido: Expedito Aleluia Pedreira, da Fábrica Nacional de Motores, recrutou mais de 400 novos sócios; Fausto Gomes, na Fábrica de Aviação de Galeão; Arismaldo de Oliveira Grilo, sindicalizou mais de 100 na Metalúrgica Vitória; e José Ferreira de Matos, também trouxe mais de 100 operários da Fábrica de Carrocerias Metropolitanas para o Sindicato. Cresceu o número de sindicalizados nas grandes empresas como a FNM, General Electric, Lupton, Standard Electric, Remington, Federal Fundição, etc.

AS RESOLUÇÕES

Os metalúrgicos passaram em revista os mais palpantes problemas seus, do movimento sindical brasileiro e do país. No que se refere à questão salarial, decidiram lutar pela conquista de um novo reajustamento nos seus próprios salários, ao mesmo tempo que resolveram apoiar as decisões do II Encontro Nacional Sindical de Belo Horizonte, no sentido da luta pela revisão geral do salário mínimo e do salário profissional. Quanto ao salário mínimo, ficou decidido um apelo às autoridades para que não aprovem nenhum projeto sem que sejam ouvidas as entidades sindicais.

PROFESSORES CARIOCAS ELEGEM NOVOS LÍDERES PARA O SEU SINDICATO

O número de professores sindicalizados no Estado da Guanabara cresceu de 50% durante o biênio 1959/1961. Este fato foi uma decorrência natural da intensa atividade desenvolvida pela atual Diretoria do Sindicato dos Professores do Ensino Primário, Secundário e de Artes da Guanabara, presidida pelo mestre Bayard

LIANA SILVEIRA ELEITA PRESIDENTE DO DCE DA UB

Por 15 votos contra 11 dados ao seu adversário de chapa o estudante José Augusto de Albuquerque, foi eleita presidente do D. C. E. da Universidade do Brasil a simpática presidente do Setor Acadêmico da Escola de Belas Artes, Liana Silveira. A jovem exercerá seu mandato por um ano em substituição ao estudante José Augusto Cisneiros.

INDEPENDÊNCIA

Refinando na prática sua conduta de completa independência face ao governo do sr. Jânio Quadros, os metalúrgicos cariocas, através dos seus mais expressivos líderes, resolveram apoiar a política de defesa da autodeterminação dos povos, e em particular do povo cubano, que instalou a sua República Socialista.

CONTRA A 204

Por outro lado, manifestaram-se os metalúrgicos contra a política econômico-financeira do governo, salientando, nesse sentido, o seguinte: "Considerando que a aplicação das Instruções da 113 e 201, da SUMOC, está trazendo sérias consequências aos trabalhadores, elevando o custo de vida e o número de desempregados, que já atinge a mais de 200 mil prejudicando o desenvolvimento da pequena e mesmo da grande indústria nacional sacrificada pela atual política cambial, que favorece aos capitais estrangeiros, protestamos contra a política econômico-financeira do governo, e recomendamos a sua revisão, tendo em vista o atendimento dos interesses nacionais."

ESTUDANTES

Os metalúrgicos cariocas solidarizaram-se com os estudantes do Recife, e deliberaram enviar telegrama ao presidente da República, protestando contra a ocupação das Faculdades pernambucanas por tropas federais. Protestos também foram endereçados às autoridades contra qualquer intervenção nos órgãos colegiados da Previdência Social e exigindo o cumprimento da Lei Orgânica da Previdência.

CONGRESSO

Depois de examinar os diversos aspectos relacionados com a organização sindical no âmbito municipal, estadual, nacional e internacional, decidiram os metalúrgicos cariocas ratificar a sugestão das entidades sindicais autônomas do Chile, Venezuela, Uruguai e Cuba, no sentido de ser convocado o Congresso dos Trabalhadores Latino-americanos, para debate dos problemas reivindicatórios comuns, e criação da Central Única dos Trabalhadores Latino-Americanos.

Em Memória de Auzier Capiberibe

Dep. Hércules Corrêa dos Reis

A notícia do trágico desaparecimento de Auzier Capiberibe, no Rio Grande do Sul, chocou a todos que conheciam o destemido aviador, sempre dedicado às lutas reivindicatórias de seus companheiros. Militante comunista, sofreu tenaz perseguição por parte da Panair do Brasil, até que, após vinte e dois anos de serviço na empresa, procurou descanço no suicídio. Como consequência de sua atuação correta nas lutas dos aviadores, Auzier Capiberibe foi transferido do então Distrito Federal para Assunção, no Paraguai. Depois a companhia mandou-o para Curitiba e daí para Porto Alegre. Por ocasião da última greve dos aviadores, apesar do tempo de serviço de Capiberibe, a Panair não hesitou em dispensá-lo, negando-lhe inclusive o pagamento dos dias em que estive

vera doente antes da greve. A empresa chegou a pressionar alguns trabalhadores do aeroporto Saigado Filho, a fim de obter depoimentos contra seu funcionário, por haver ele reclamado seus direitos na Justiça do Trabalho. As transferências impostas a Auzier Capiberibe afastavam-no da família e tumultuavam a vida de seu lar. A família, órgão celular e divino da sociedade, segundo os fariseus defensores da "democracia ocidental e cristã", não mais existia para ele. A Panair do Brasil, organização econômica que representa o cerne do regime "ocidental e cristão", negou a Auzier aquilo que seus representantes pregam para toda a humanidade. Isso deve tê-lo chocado fortemente. Ele era um comunista, e ninguém mais do que o comunista defende e respeita a família. Era exatamente a defesa da sua e da família de seus companheiros aviadores o motivo por que Auzier participava ativamente das lutas, aplicando a política e a ideologia que abraçava. Não bastou a perseguição política, veio a econômica, com a finalidade de aniquilar Auzier e sua família pela fome. Seu desespero aumentou e a doença apo-

derou-se mais rapidamente de seu espírito. O suicídio foi o caminho que lhe imposit a Panair do Brasil. Em verdade, não foi um suicídio. Foi um assassinio. Ocorrências como esta não podem ser esquecidas pelos trabalhadores. E preciso que os aviadores se agrupem e marchem, junto com os demais trabalhadores, para as lutas contra essa estrutura econômica e social que prega a defesa da família e do regime democrático, mas que na prática destrói a família e provoca o assassinio frio e calculado de trabalhadores. E preciso não esquecer a figura de Auzier Capiberibe, para não esquecer que ninguém mais do que os comunistas são defensores da família e da democracia.

QUANDO VOAM AS GEGONHAS

A Liga da Moçada Trabalhista, dentro do programa de seu I Festival de Filmes Europeus, realizará, no próximo dia 16, às 20 horas, no auditório da ABL, a exibição da película soviética QUANDO VOAM AS GEGONHAS. Os interessados poderão adquirir ingressos antes do início da sessão, naquele local.

Brocoió em Foco

Zé Vicente

Dia sim, dia não, o sr. Amaral Neto, especialista em pedidos de renúncia irrevogável, está reinvestido das funções de líder do governo brocoió. Segunda-feira foi dia sim e Amaral compareceu a um programa de TV promovido pelo beneficiário do interessante comércio de rádio e outros aparelhos elétricos hábilmente importados. Um dos promotores desse programa gastou os tubos na eleição de Lacerda, o moralizador.

Constava o programa de um debate entre os líderes Amaral e Saldanha Coelho, ao ar livre, em pleno Jardim do Méier. Os telespectadores e os assistentes diretores do debate público tiveram diante dos olhos um espetáculo raro: o líder do governo a ser bombardeado por uma multidão que gritava: "Água! Água! Água!". Os manifestantes exigiam água e atiravam no líder lanterna e coisas sólidas. Amaral, por mais de um motivo, não devia ter o encontro contra a raça negra e seus descendentes, mas tem, entretanto, o líder de Lacerda respondia ao bombardeio e aos protestos contra as torneiras secas chamando os populares de moleques. Quando a batalha estava no auge, o representante dos patrocinadores, um nogue de ar alucinado, declarou que a função a ser suspensa, repetindo o argumento usado neste programa não patrocina molecagem. Mesmo sem TV a grita continua: "Água! Água! Água!"

Cartas dos Leitores

CECILIANO MIGUEL

Faleceu no dia 3 de junho, na Guanabara, Ceciliano Miguel da Silva, velho militante do PCB e lutador em prol da emancipação do povo brasileiro. As últimas homenagens que lhe prestaram seus companheiros e amigos. NOVOS RUMOS se associa.

BOLSA DE ESTUDO

Rizenda Neves da Silva, de Cascadura, escreve-nos pedindo informações sobre a obtenção de bolsa de estudo. Você pode escrever para a Universidade da Amizade dos Povos, em Moscou, solicitando inscrição na Universidade.

POETAS

Do leitor José Marques da Silva Filho, recebemos o poema de sua autoria intitulado "Para início de conversa". Infelizmente, a falta de espaço e por isso mesmo o critério que adotamos em relação a colaborações desse tipo, não nos permite publicá-lo.

Cineclubismo

Manuel

Serviço de Cinema da Universidade da Paraíba

Abordaremos hoje a criação de um Serviço de Cinema na Universidade da Paraíba, recentemente federalizada. Trata-se de iniciativa pioneira no âmbito de uma Universidade. O Serviço de Cinema terá como finalidade a difusão da cultura cinematográfica, aliando a parte teórica à prática, pois consta do seu programa a produção de filmes documentários. No aspecto teórico o Serviço instituirá cursos de cinema, exposições, conferências, biblioteca especializada, arquivo de filmes, enfim criará as condições essenciais para cursos completos de filmologia, a exemplo do que se faz na Europa, onde há vários institutos de altos estudos cinematográficos. No que toca ao lado prático, a Universidade produzirá filmes documentários de curta e longa metragem, especialmente dedicados a assuntos regionais de caráter sociológico; serão focalizados temas sócio-econômicos, folclore, festejos populares e culturais em geral das regiões Norte e Nordeste do país. Como se vê, é iniciativa das mais louváveis e merecedora de todo o apoio. Breve-mente teremos filmes documentários produzidos sem nenhum compromisso de ordem comercial ou de outras naturezas além do aspecto cultural e cinematográfico. A organização e direção do Serviço de Cinema da Universidade da Paraíba foi entregue ao jovem cineasta paraibano, Linduarte Noronha, autor do argumento e diretor do documentário ARUANDA, recentemente exibido no Festival de Cinema Documentário, patrocinado pela Federação dos Cineclubes do Rio de Janeiro. Pelo que conhecemos, o que não é pouco, sobre o Linduarte Noronha, estamos certos de que o novo Departamento da Universidade da Paraíba terá um desenvolvimento plenamente satisfatório e de acordo com os seus objetivos. Parabéns aos jovens nordestinos que de agora em diante poderão dispor de um centro de cultura cinematográfica, onde poderão estudar em profundidade todos os aspectos da arte cinematográfica, constituindo no futuro os quadros necessários ao florescimento de um cinema brasileiro artisticamente válido. Congratulamos também ao reitor da Universidade da Paraíba, por tão importante iniciativa.

PROGRAMAÇÃO DOS CINECLUBES: GEC da UME, dia 15 às 20 horas, no Ministério da Educação: o documentário inglês "True Glory", de Carol Reed; o complemento indonésio "Uma casa, uma esposa, um passaro cantando"; e o filme sueco "Mônica e o desejo", do famoso Ingmar Bergman. — No OLYMPICO (Rua Pompeu Loureiro, 116, Copacabana), dia 16 às 20 horas: o filme norueguês "residentes", de Carl Dreyer, seguido de um debate entre os presentes, para o qual estão convidados todos os interessados. — C.R.J., dia 19 às 20 horas, no Palácio Teófilo Ernesto: o curta-metragem "Zuiderec", de Jozef Lind; e "O homem de Araxá", documentário clássico do recentemente classificado diretor Robert Flaherty. Trata-se de excelente programa composto de filmes pertencentes ao acervo da Cinematheca Brasileira, de São Paulo. — Dia 17, às 20 horas, o GEC também apresentará no Ministério da Educação "O homem do Pecado", de Rolf Thiele, e "Curio e segredo", desenho do canadense Norman McLaren.

Líder do Governo Fugiu do Méier: Aos Gritos de «Água, Água» o Povo Condenou a Administração Lacerda

O primeiro debate em praça pública, no Jardim do Méier, com membros do Legislativo da cidade, foi um teste altamente depreciativo para a ruim administração do sr. Carlos Lacerda. O governador não encontrou no povo do Méier a receptividade tranquila de uma manada de bovinos, conforme talvez esperasse o seu infeliz porta-voz, o líder da maioria, deputado Amaral Neto.

«QUEREMOS ÁGUA»

Esse debate foi o primeiro de uma série, que surgiu por iniciativa de uma estação de televisão, em cujo programa principal seria encenado o diálogo público entre os líderes da oposição e do governo. Para angústia do sensacionalista animador de tv, as coisas saíram erradas, sendo ele obrigado a suspender o programa, diante das investidas do povo contra as palavras do líder Amaral Neto.

Aos gritos de "água, água, queremos água", os assistentes puseram fim ao debate, clamando assim contra a calamidade que tem pairado sobre a cidade desde que o sr. Lacerda se instalou no Guanabara. No começo, o povo foi ouvindo paciente as palavras do deputado Saldanha Coelho, líder da oposição. Quando o deputado Amaral Neto pôs-se a falar, comentando os planos do governo para solucionar os problemas da cidade, os assistentes, em número superior a dois mil, romperam em estrepitosas vaia, que se estendeu até ao nome de Jânio Quadros.

MOLEQUE

A essa altura, perdendo completamente a tramontana, o sr. Amaral Neto passou a insultar os que o ouviam, dizendo que se encontrava diante de moleques e não homens. "Eu não vim a praça pública para tolerar molecagem. Agora eu dou



O POVO PEDE ÁGUA

Enquanto milhares de pessoas aplaudiam as palavras do deputado Saldanha Coelho, de condenação à péssima administração do sr. Carlos Lacerda, o líder do governo, sr. Amaral Neto, punha a mão a sua frente para impedir que seu rosto fosse atingido por bolas de papel e cascas de bananas jogadas por particulares. Enquanto o povo pedia, aos gritos, "água, água", o deputado Amaral Neto taxava de "molecagem" a indignação popular. Por isso saiu as cadeiras do Jardim do Méier.

Trustes de Remédios Articulam Novo Aumento

Um novo aumento de preços dos remédios, de cerca de 40 por cento, está sendo atualmente articulado pelos laboratórios, sob pretexto da Instrução 204. Eis a denúncia feita há alguns dias na Câmara Federal pelo deputado Unirio Machado, do PTB gaúcho, ao apresentar um estudo sobre a indústria farmacêutica no Brasil. Mostrou o deputado que continuaram e se agravaram nos últimos anos os graves problemas desse ramo de indústria, como o processo de monopolização e absorção dos laboratórios pelos trusts estrangeiros, a elevação dos preços dos medicamentos, conservando a saúde como privilégio de uma minoria, o lançamento abusivo de novas especialidades farmacêuticas, frequentemente não passando de simples mudança de nome com o fim de fugir ao tabelamento, as adulterações e falsificações.

INQUÉRITO
Tais fatos já foram várias vezes denunciados na Câmara e em publicações diversas, sem que fossem tomadas quaisquer providências pelo poder público responsável. Em vista disso, co-

municou o deputado Unirio Machado que está colhendo assinaturas para a constituição de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar: a) as razões da alarmante absorção das indústrias farmacêuticas nacionais pelos monopólios estrangeiros; b) as causas dos insuportáveis aumentos de preços; e) o excesso de publicidade e o lançamento desordenado de novas especialidades e de produtos similares aos já existentes; d) as denúncias de falsificações e adulterações.

TRUSTES
De fato, a indústria farmacêutica é, no Brasil, um dos setores em que mais acelerada a concentração de capital. Em 1957 havia 527 laboratórios, que tiveram um volume de vendas de Cr\$ 11 bilhões. No ano seguinte, para vendas no total de Cr\$ 18 bilhões, já existiam apenas 495 laboratórios, de lá para cá continuaram as notícias da compra de laboratórios nacionais pelos estrangeiros, sendo das mais recentes a compra do "Endochimica" pelo americano "Mead Johnson".

Em 1959, entre os 14 maiores laboratórios (isto é, 3,2 por cento do número total de laboratórios) que realizaram 43 por cento de todas as vendas, havia um único laboratório nacional, o Pinheiros. Os demais grandes são Pfizer, Fontoura-Wyeth, Bristol, Squibb, Sydney Ross-Winthrop, Parke-Davis, Schering, Roch, Lepetit, etc., todos eles tendo realizado em 1959 vendas superiores a Cr\$ 500 milhões. No polo oposto, encontramos nesse ano 202 pequenos laboratórios, geralmente de capital nacional, cada qual com um volume de vendas inferior a Cr\$ 10 milhões, constituindo 47,3 por cento do número total de laboratórios e realizando em conjunto apenas 4,7 por cento do total das vendas.

GRANDES E PEQUENOS
Quais as razões desse interesse dos capitais estrangeiros pela indústria farmacêutica no Brasil e, além disso, da monopolização, isto é, do predomínio cada vez maior de grandes empresas nesse setor?

Uma delas, é, sem dúvida, a existência de um grande mercado de consumo: a indústria farmacêutica situa-

-se em sétimo lugar nos países capitalistas pelo seu volume de vendas. Mas a existência de um amplo mercado, por si só, não explica o "rush" dos laboratórios estrangeiros: esta é determinada principalmente pela alta rentabilidade do setor, aliada às enormes facilidades oferecidas à entrada de capitais entre as quais se destaca a Instrução 113. Embora a indústria farmacêutica não exija grande proporção de equipamentos, têm sido muitas as entradas de capital nos termos da 113.

Por outro lado, a grande extensão do mercado brasileiro exige grandes gastos numa rede de distribuição dos produtos, o que igualmente tem facilitado a absorção dos pequenos pelos grandes, pois estes podem dispor de recursos muito maiores para a comercialização e distribuição dos medicamentos e inclusive para a propaganda.

BURLA
Outro caminho pelo qual o capital estrangeiro vai absorvendo os laboratórios nacionais, que estão sendo vencidos na concorrência, é

o pagamento por patentes e fórmulas. Evidentemente, os novos produtos estão muito mais se alienam os laboratórios de capital estrangeiro, que obtêm as fórmulas de suas matrizes no exterior, enquanto os pequenos laboratórios nacionais têm que pagar aos "donos" da invenção, já que não podem fazer grandes despesas em pesquisas.

Em 1958, tivemos 17.030 apresentações de novos produtos farmacêuticos, a maioria das quais feitas pelos grandes laboratórios de capital estrangeiro. É aí que entra em ação mais uma causa da desnacionalização progressiva da nossa indústria farmacêutica: a propaganda. Segundo denúncias do deputado Unirio Machado, tais lançamentos freqüentemente representam um novo nome para uma fórmula já existente, fato este que a propaganda abusiva esconde, permitindo o "novo" produto vencer a concorrência inclusive a preços mais elevados que o similar antigo, numa burla vergonhosa e desumana ao tabelamento.

No que se refere à propaganda, mais uma vez os pequenos laboratórios nacionais são vencidos pelos grandes monopólios estrangeiros. Calcula-se que os gastos com propaganda sobem nesse setor a mais de 30 por cento do volume das vendas. O conjunto dos laboratórios mantém cerca de 7.000 propagandistas e 5.500 viajantes. Enquanto os grandes laboratórios mantêm em média 120 propagandistas, calcula-se que os pequenos tenham 2 a 3 vezes menos. A despesa com propaganda, na indústria farmacêutica, chegou a quase Cr\$ 6 bilhões em 1958, passando de 8 bilhões em 1959. Mas a propaganda não cura ninguém, evidentemente.

Não passa muitas vezes de cortina para fraude, e representa sempre um encarecimento do produto e um caminho para o esmagamento dos laboratórios nacionais.

Uma comissão Parlamentar de Inquérito que se dispusesse a verificar realmente a situação da indústria farmacêutica revelaria quanto estão sendo sacrificados nesse terreno, os interesses da Nação e do povo.

AMÉRICA JA ESTÁ PALANDO

Stevenson foi recebido "condignamente" pelo glorioso povo do Chile: na noite do dia 13 populares realizaram uma manifestação contra a presença do embaixador especial do presidente Kennedy. Durante a demonstração, a sede do Serviço de Informações dos EUA foi invadida pela multidão, suas instalações destruídas parcialmente.

No Uruguai, a comissão de defesa de Cuba, que reúne os representantes mais expressivos do movimento operário, dos estudantes e da intelectualidade oriental, advertiu solenemente o presidente Kennedy de que não compareça à reunião interamericana a se realizar em julho em Montevideo porque a sua presença não será grata ao povo uruguayo. Nesse sentido, grandes manifestações públicas de advertência estão programadas para deixar bem claro ao presidente inane que o que espera naquela capital.

As duas manifestações, bastante expressivas pelo que representam, são as vozes da América explorada e enganada pelo imperialismo há mais de 100 anos, que já estão falando alto o que pensam a respeito do imperialismo e dos homens que o representam.

O presidente já foi avisado. Resta-nos apenas esperar que ele tenha bom senso a respeito do que ocorreu com o seu antecessor, Ike, quando visitou países da Ásia no ano passado. No Uruguai não existem fuzileiros, como em Okinawa, para proteger a fuga pela porta dos fundos...

Ligas Denunciam: Latifundiários e Autoridades de Pernambuco Planejam Massacre de Camponeses

RECIFE, junho (do Corresponsável) — Diante das provocações e violências que têm se verificado em regiões do Interior de Pernambuco, e das ameaças oficiais que são veiculadas tanto em nível de amedrontamento

dos camponeses em sua justa luta reivindicatória, as Ligas Camponesas distribuíram o manifesto que transcrevemos abaixo na íntegra, intitulado «Denúncia à Nação»:

A Comissão Agrícola e Pecuarista dos Plantadores de Pernambuco (Ligas Camponesas) ante a onda de mistificações, boatos alarmistas e, de modo especial, ante as ameaças constantes de violências contra a entidade, seus dirigentes, e comunidades camponesas do Nordeste, sente-se no dever de denunciar à Nação o que se segue:

1.º) Providências violentas do Governo do Estado, através da Companhia de Revenda e Colonização (CIRC), contra os habitantes das zonas rurais e, sobretudo, contra os agricultores, proibindo em sua maioria, de plantar e desfrutar suas pomaras ou simplesmente despejados sem a previa indenização legal, está vivendo, muitos dias há vários meses.

2.º) Atrocidades de pistolagem, já por várias vezes, no distrito de Xandu, município de Água Preta, sob o comando do prefeito da cidade, e de outros municípios da região. Os latifundiários, por meio da imprensa e denunciadas na Assembleia Legislativa pelo deputado Carlos Luís de Andrade, sem que nenhuma providência policial a respeito tenha sido tomada. Os latifundiários, não só, sequestraram, respondendo pela Secretaria de Segurança. Nessas ocasiões de vandalismo, foram usadas metralhadoras e outras armas contra o deputado Francisco Julião, bem como profíeras ameaças contra os agricultores do engenho Limão, na propriedade municipal. Entre outros fatos, foram mortos de facada, segundo vários depoimentos de residentes na vila de Xandu.

3.º) Recente publicação (diário de Pernambuco edição de ontem), onde são anunciadas provocações contra as Ligas Camponesas e profíeras publicamente ameaças de reforço por armas, em caso de conflito no município dos Palmareis. Nessa publicação fazem-se alusões diretas à existência de armas proibidas nas mãos de proprietários rurais, armas que deveriam ser usadas inclusive contra o deputado Francisco Julião. O que é mais estranho é a própria Secretaria de Segurança Pública logo após o entendimento ter sido assinado e o respectivo titular e pessoas que se identificaram como plantadores da vila de Xandu.

4.º) Em Recife, há bastante tempo se tem impetrado um «banestado» em favor de quarenta camponeses junto ao Tribunal de Justiça do Estado, figurando como relator o eminente desembargador Angelo Jordão, recusando-se a emitir uma decisão, e prisioneiros contra os direitos de trabalho, sendo o próprio prefeito do município que ameaça publicamente assassinar o líder popular Gregório Leizeria.

5.º) Informações alhevas da polícia segundo as quais o movimento grevista dos bravos estudantes pernambucanos estaria sofrendo interferência das Ligas Camponesas, quando foi sobejamente constatado, por todas as autoridades, quer federais, estaduais ou municipais, a completa improvidência de tais informações.

Essa denúncia faz a Sociedade Agrícola e Pecuarista dos Plantadores de Pernambuco porque se convenceu de que há um plano articulado com um centro diretor que procura, astuciosamente, identificar o justo movimento dos trabalhadores do campo com os contrabandistas, aproveitadores do poder. Essa trama tem, no momento, as seguintes finalidades: 1.º) Alarmar pela violência mediática, as autoridades camponesas de Pernambuco e outros Estados do Nordeste; 2.º) Eliminar fisicamente os dirigentes e membros mais ativos desse movimento, especialmente o deputado Francisco Julião; 3.º) Convencer por informações tendenciosas, boatos e provocações as autoridades constituintes de matar de um fanatismo plano subversivo, a fim de justificar medidas antidemocráticas.

Diante de tais fatos, dirige-se a Sociedade Agrícola e Pecuarista dos Plantadores de Pernambuco ao Excelentíssimo Sr. Presidente da República, ao Excelentíssimo Sr. Ministro da Guerra, ao Excelentíssimo Sr. Ministro da Justiça, às Casas do Parlamento da República, ao Governador do Estado, à Assembleia Legislativa, às Prefeituras e Câmaras municipais, aos Comandos Militares e ao Povo, para reafirmar a sua confiança sempre depositada na sinceridade daqueles que são responsáveis pelo regime de liberdades em nossa terra, e pedir as necessárias garantias para que prossiga pacificamente a grande cruzada patriótica dos camponeses espalhados do Brasil, cujo único desejo é compartilhar como homens e não como párias, relegados ao sofrimento, à ignorância e à morte, da luta comum dos cidadãos de nossa pátria, por um Brasil próspero, feliz, livre e democrático.

Recife, 8 de junho de 1961.

MEU FILHO, IURI GAGÁRIN

A Sra. Anna Gagárin fala sobre a infância do primeiro cosmonauta

Nosso lar encheu-se de felicidade que usava compartilhar com todos. Meu Iuri subiu mais alto do que qualquer outro homem já o fizera, e voou em torno de nosso planeta. Ele viu o mundo inteiro, com os seus mares e continentes. Não vejo porque ocultar que eu sabia que meu filho podia não voltar: o caminho era perigoso e ninguém ainda o trilhara antes. Quando soube que ele voava numa nave espacial, confesso que não pude conter as lágrimas. Olhei para o céu azul e pensei "Estará ele bem?". O rádio transmitia suas palavras: "Sinto-me bem". Acreditei e contudo não acreditei, pois Iuri jamais fora de queixar-se. Mas tudo terminou bem.

RECEPÇÃO DO HERÓI

O que se seguiu você sabe. Mesmo em sonhos essas coisas não acontecem. Moscou inteira, todo o nosso país prestaram ao meu Iuri uma recepção de herói. O povo veio às ruas. Para onde quer que se olhasse havia bandeiras e fotografias de Iuri, e havia flores. Era como se a primavera se houvesse antecipado.

Quando Nikita Sergueievitch Kruschiov abraçou e beijou Iuri, achava-me tão feliz que não sabia o que fazer! Seria aquele o meu filho?

E isso era só o começo. Era como se fosse um conto de fadas: as comemorações na Praça Vermelha, a recepção no Kremlin. Mas é impossível descrever-se tudo aquilo de imediato, e também pouco existem palavras que possam descrevê-lo.

Meu filho tornou-se um herói da União Soviética e um piloto-esmonauta da URSS. Custou-me muito conciliar o sono naquele dia.

FAMÍLIA CAMPONESA

Desde tempos imemoriais que nossa família tem sido de camponeses, na região de Smolensk. Antes da Revolução, a terra era pobre e havia muita necessidade nos lares. Não havia uma guerra em que nossas aldeias não fossem queimadas, e quando isso não se dava era a fome que batia às portas.

Depois que o poder soviético se estabeleceu, meu marido e eu fomos dos primeiros a ingressar numa fazenda coletiva. Trabalhamos bem e acabamos com a necessidade constante.

Lembro-me de como se passou a viver muito bem nos anos que antecederam a guerra.

Em 1934, nasceu o nosso segundo filho, e nós o chamamos de Iuri. O mais velho, Valentin, tinha então nove anos, e minha filha Zola, sete.

Papai e eu trabalhávamos, de modo que Zola tinha de tomar conta do caçula. De manhã, saíamos para o campo, enquanto Valentin ia para a escola e Zola tomava conta da casa e de Iuri.

Dois anos depois, Iuri ganhou outro irmão: Boris. As crianças cresceram saudáveis. Mas não pense que nunca adoeceram. Pode alguém impedir que os meninos apanhem um resfriado quando eles correm pelos campos de pés descalços?

ro. As mães sabem o que é isso.

Diferente de seu irmão mais velho, Iuri não era forte; mas era um rapazinho saudável. A diferença de idades não impediu que crescessem juntos muito bem. Valentin fazia um anzol, enquanto Iuri, com cinco anos, fazia um canhão de aveleira, com sua taca.

Ao amanhecer, deixavam a casa e iam correndo para o Rio. Fisgavam um cadoz ou uma carpa que assavam numa fogueira, e sempre davam um pedaço para Zola e para o pequeno Boris, trazendo ainda um pouco para jantar em casa.

De noite, Papai trabalhava em sua oficina de marceneiro. Sua banca de trabalho ficava num alpendre perto da casa. Iuri gostava de observá-lo e, quando Papai lhe dava as costas, Iuri tomava-lhe o lugar.

OS NAZISTAS

No começo, ele fazia carpapas e barquinhos; mais tarde, começou a fazer pagagalos. A guerra eclodiu exatamente quando nós nos preparávamos para mandá-lo à escola. Ela chegou até o interior de Smolensk e as florestas e as casas foram incendiadas.

Um dia, veículos com cara de touro roncaram pela aldeia e atrás deles vinham os nazistas. Saquearam a fazenda coletiva, expulsaram das casas as mulheres, crianças e os velhos e afugentaram o gado.

Tivemos de cavar um buraco no jardim e ali morar, junto com as crianças. Realmente, aqueles foram dias de terror.

Crianças são sempre crianças, mesmo em dias de confusão. Uma vez, Iuri e Boris começaram a brincar em volta de um veículo alemão. De repente, ouvi um grito e sai correndo daquela covil. Fiquei gelada. Iuri mordera a mão de um soldado e conseguira fugir. Mas o nazista de cabelo cor de fogo levantava Boris no ar, segurando-o pelo pescoço, como se fosse um cachorrimo.

Parti para ele, gritando: "Veja o que está fazendo, seu monstro! Ele não passa de uma criança!". Mas não houve jeito de parar o bruto: empurraram-me para um lado e dependuraram o pequeno Boris pelo colarinho numa madeira.

Finalmente, quando o soldado foi embora, pus Boris de volta ao chão, e só então localizei Iuri. Todo aquele tempo estivera observando, de uma pequena distância.

Acho que foi a partir de então — ou um pouco mais tarde quando os nazistas o espancaram — que notei que Iuri deixava de sorrir e seu semblante se tornara mais sério.

Ocorreu então uma nova desgraça. Os nazistas, armados de metralhadoras, surgiram e levaram Valentin e Zola para Gzhatsk, onde os colocaram, junto com outros jovens, em vagões de carga, sendo deportados para o Ocidente.

Só com o fim da guerra foi que descobrimos que os soldados soviéticos tinham libertado as crianças de um campo de morte e os tinham protegido em sua unidade.

A fome é algo de terrível para os adultos, mas para as crianças é muitas vezes pior. Comíamos uma vez por dia. Tudo o que tínhamos era uma sopa rala com um punhado de aveia ou centeio e um pedaço de pão preto, seco.



A MÃE

esguelravam-se daquele buraco e vagavam pelas faladas do sul dos barrancos e das colinas, arrancando os capins novos, que traziam para mim, pedindo que os cozinhasse.

Os soldados soviéticos derrotaram os nazistas e libertaram a região de Smolensk. Fomos morar em Gzhatsk.

NA ESCOLA

Logo que se abriu a escola primária, vesti meus filhos com o que tinha e os levei até lá. Há muito tempo que conhecia a professora Ielene Lunova. Fora ela quem me ensinara.

No dia seguinte, Iuri, só-fregio de satisfação, disse-me que a primeira aula fora de desenho.

"O que você fez?", perguntel-lhe.

"Um avião. A professora disse que estava bom", respondeu Iuri.

Foi este talvez o início da carreira "aeronáutica" de Iuri. Todo o tempo livre que tinha, depois da escola e dos serviços de casa, ele gastava na banca de trabalho. Fazia planadores e aviões. Ingressou no clube de aeromodelismo e fez parte de um grupo de canto e dança.

Seu apego aos aviões também tinha seu lado ruim. Lembro-me que uma vez, a professora — nos procurara. Meu "aeronauta" construiu um novo modelo de planador e o levava para a escola para mostrar os amigos.

O planador batera na cabeça de um homem que passava e este, naturalmente, foi dar queixa ao professor-chefe.

Iuri desculpou-se então perante o engenheiro.

Ilhava havia vários tais "malfeitos", de modo que a professora procurara os pais de Iuri.

Ele não o repreendera mas perguntara-lhe o que desejava ser, tendo conversado com ele sobre a importância de persistir para a realização de um ideal na vida.

Suas palavras causaram-lhe profunda impressão. Tornou-se admirador dos livros. Sua estante ficou cheia. Havia Júlio Verne e Tsolkovisk e livros sobre os feitos de famosos aviadores soviéticos.

Por essa época, Iuri já decidira firmemente o que desejava ser. "Será piloto", afirmava com segurança.

ENRIJECIMENTO

Em companhia de seu amigo inseparável, Valentin Petrov, Iuri começou a praticar esportes intensamente. "Um piloto deve ser forte e capaz", dizia muitas vezes.

Logo que a neve se derretia, ouvia dizerem: "Seu Iuri foi nadar junto com Valentin". Perguntava-lhe se era verdade e ele respondia: "Sim, decidimos tornarmo-nos fortes". Jamais existiram preguiçosos em nossa família.

Durante as férias, as crianças iam trabalhar na fazenda estatal ou ajudavam seu pai. Valentin e Zola escolheram os seus destinos. Zola foi ser enfermeira e Valentin, motorista.

Iuri decidiu deixar a escola e ingressar numa escola profissional. Disse a seu pai e a mim que desejava arranjar um trabalho tão cedo quanto possível, a fim de que se pudesse manter por seus próprios meios e seguir o caminho com o qual sonhara.

Foi assim que nosso filho Iuri largou o ninho. A partida foi difícil. Apesar de tudo, mãe é sempre mãe. Sempre parece que se seu filho estiver perto, tudo será melhor e mais tranquilo.

Recentemente apareceu em nossos jornais uma notícia que dizia que na América do Norte se afirmava que Iuri era o filho do príncipe Gagárin. Acheamos isso muito engraçado.

Não, não temos nem uma gota de sangue azul em nosso sangue, mas só sangue vermelho, o mesmo sangue derramado pelos operários e camponeses quando derubaram o tsarismo e com ele todos os príncipes.

O que não imaginam esses escrivinhadores capitalistas! Mas não temos tempo para lhes dedicar nestes dias de felicidade.

Palra sobre nosso lar uma grande alegria, um imenso festival.

Sentimo-nos incomensuravelmente felizes por termos Iuri cumprido seu dever com o Partido Comunista, o governo soviético e todo o nosso povo.

QUE PAPEL TIVERAM AS CLASSES E OS PARTIDOS NO PROCESSO DA REVOLUÇÃO?

Você poderá encontrar a resposta no livro

Cuba: A Revolução na América

de Almir Matos — Cr\$ 200,00

Peça-o hoje mesmo à

LIVRARIA DAS BANDEIRAS

RUA RIACHUELO, 342 — LOJA 2 - SÃO PAULO

ATENDEMOS PRONTAMENTE PELO REEMBOLSO POSTAL

LIVROS SOBRE CUBA

Que Você pode adquirir pelo

REEMBOLSO POSTAL na

- Livraria das Bandeiras
- Rua Riachuelo, 342 — Loja 2 — S. PAULO
- CUBA: A Revolução na América de Almir Matos 200,00
 - A Verdade Sobre Cuba de C. Wright Mills 300,00
 - 26 Julio Cuba Anatomia de Uma Revolução de Paul M. Sweezy e Leo Huberman 250,00
 - Sierra Maestra -- A Revolução de Fidel Castro de Armando Gimenez (2ª edição) 210,00
 - Cuba Con Toda la Barba de Alfredo Varela 480,00
- Peça-os hoje mesmo pelo Reembolso Postal — Atendemos prontamente

Paranaguá: trabalhador é despejado pela força

De Paranaguá, Paraná, escreve-nos o leitor Enaro Alves, para protestar contra um despejo violento de que teria sido vítima um trabalhador da Cia. Sertaneja de Armas de Guerra, de nome Rubens Martins. Segundo o missivista, a violência foi praticada por um

parente do deputado Miguel Bufara, que despejou o sr. Rubens Martins da casa onde ele morava há 17 anos, com a agravante de que no momento do despejo o marido não se encontrava na cidade e na casa estava residindo um seu parente, doente. Mesmo assim ele foi atirado à rua pelos homens que praticaram a violência e depois arrolado sob a alegação de que resistira à ordem de despejo.

PARANÁ DO OESTE FESTEJOU VITÓRIA: RAINHA DA UGTCM

PARANÁ DO OESTE, maio (do Corresponsável) — Esta cidade comemorou com grande festa popular (brinde, leilões, comes-e-bebes, etc.) a eleição da rainha da UGTCM, representante dos trabalhadores e lavradores da região. Centenas de pessoas participaram dos festejos, para cujo sucesso contribuiu a intensa atividade desenvolvida pelos camponeses, que obtiveram a maior parte dos fundos para a realização da mesma.

PROTESTO CONTRA AGRESSÃO DE CAMPONESSES

A União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil enviou ofício ao Secretário do Interior e Segurança do Estado do Paraná, no sentido de que fossem tomadas providências a fim de garantir o exercício do direito de organização e das liberdades elementares, tendo em vista o atentado de que foi vítima o sr. Ludgero Almeida, líder da Liga Camponesa de Sapé, na Paraíba.

O sr. Ludgero Almeida, teve a vida ameaçada por um atentado praticado por elementos a sôdo do fazendeiro Clóvis Marinho, visando a intimidar os camponeses locais na luta em defesa de seus direitos.



10 anos de «Última Hora»

O jornal "Última Hora" comemorou, no último dia 12, o décimo aniversário de sua fundação. O acontecimento foi festejado por aquele órgão da imprensa com um coffee oferecido a seus leitores e amigos no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A foto acima foi tirada na ocasião, quando os diretores de NOVOS RUMOS, Orlando Panfili e Mário Alves cumprimentavam, pela data, o diretor de "Última Hora", sr. Paulo Silveira.

Jânio Investe Contra as Liberdades

Para Defender Professores Corruptos

A Raiz da Greve

O movimento dos estudantes do Recife é um movimento justo. A sua luta é contra a corrupção e a desmoralização administrativa instaurada na Faculdade de Direito e na Universidade Rural. A greve tem como objetivo exigir do governo federal medidas para pôr termo às irregularidades praticadas nesses estabelecimentos de ensino. Contra essa greve foi que o presidente da República investiu da maneira que o fez. Acusando os estudantes de desordeiros e negando-se a ouvir suas declarações, prestigia a ação de administradores sob os quais pesam as mais graves acusações.

Ponto por ponto, eis as denúncias formuladas pelos universitários contra os professores Soriano Neto e Manuel Rodrigues:

FACULDADE DE DIREITO

O diretor da Faculdade de Direito, Soriano Neto é acusado das seguintes irregularidades:

- 1 — empregar o filho como assistente de cátedra (com vencimentos de Cr\$ 33.000,00), apesar de não comparecer a Faculdade, em virtude das funções que exerce em Serinham, como Juiz de Direito;
- 2 — permitir que certos professores, por serem pessoas de suas relações, ocupem até cátedras;
- 3 — receber vencimentos como vice-reitor, diretor e catedrático da Faculdade, sem dar uma aula sequer, pois seu horário é das 18 às 18.30 horas;
- 4 — impedir que os professores Mário Batista e Cláudio Souto prestem concurso, a fim de manter os cargos em mãos de pessoas de sua amizade;
- 5 — assinar, diariamente, o livro de presença como lecionador das aulas de seu assistente;
- 6 — reunir a congregação sem o edital de convocação;
- 7 — permitir que, nas mercearias da Faculdade, sejam fabricados "bureaux", mobílias e até lanchas, como foi verificado durante a tomada do prédio;
- 8 — não abrir inquérito quando desaparecem os materiais;
- 9 — deixar de cumprir a determinação de JQ, no sentido, de que cada catedrático dê 3 horas diárias de aulas;
- 10 — isentar funcionários da assinatura do ponto;
- 11 — deixar a Biblioteca inteiramente desatualizada;
- 12 — admitir assistentes desconhecidos dos alunos, professores e bedéis;
- 13 — ignorar o regimento interno, não o cumprindo, nem o fazendo cumprir;

UNIVERSIDADE RURAL

Mais graves, porém, são as acusações à direção da UR, que reúne as Faculdades de Agronomia e Veterinária:

- 1 — verba de Cr\$ 1.400.000,00, para a aplicação na manutenção de uma usina-piloto que está desaparecida desde 1958, embora esteja consignada no relatório da Escola de Agronomia;
- 2 — existência de 47 viaturas à disposição dos professores de agronomia, para uso particular, possuindo o reitor da UR, Manuel Rodrigues Filho, três carros do último tipo (segundo relatório da Reitoria, cada carro gasta, mensalmente, uma média de 200 litros de gasolina);
- 3 — nada menos do que quatro carros particulares foram encontrados na oficina de reparos da UR, por ocasião da tomada do prédio pelos estudantes;
- 4 — no relatório oficial da UR encontraram, os estudantes, uma verba de Cr\$ 200.000,00, destinada à preparação de para-quadristas, durante as aulas;
- 5 — a maioria dos catedráticos são interinos, em face do reduzido número de efetivos das cátedras;
- 6 — enquanto a UR possui um efetivo de 47 viaturas, todos os requerimentos dos alunos, solicitando aulas no campo, foram indeferidos sob a alegação de falta de transportes e gasolina;
- 7 — a UR possui um salão de conferência arquitetônico, enquanto as salas de aulas são remodeladas ao gosto de cada professor novo que entra. Durante a intervenção apurou-se que a obra que fornece tijolos para cada reforma, pertence a um parente do diretor da Escola de Agronomia;
- 8 — o cargo de diretor do Departamento de Instrução Artística da UR é ocupado pelo estudante de direito José Roberto Porto;
- 9 — há 3 anos, grande parte destas irregularidades foi denunciada à Reitoria; um representante do reitor, designado para apurá-las, aconselhou os estudantes a não as revelarem ao presidente da República, pois, pelo menos 80% delas seriam cobradas. Vieram as férias e a denúncia foi esquecida temporariamente.

RECIFE, julho (do envio do especial) — Quando a cidade dormia, na madrugada do dia 7, as tropas do IV Exército, apoiadas por tanques e carros de combate, iniciaram a "operação intervenção", ocupando as instalações da Faculdade de Direito e da Universidade Rural de Pernambuco, cujos estudantes se encontravam em greve e espalhando-se depois pelos pontos estratégicos da cidade. O governo federal, dessa maneira, iniciava a série de violências e ilegalidades no Recife, que se agravaram ainda mais em virtude da suspensão na prática dos direitos constitucionais, com a prisão arbitrária de líderes sindicais, o estabelecimento de censura ao rádio e à imprensa, a violação de direito de reunião.

O pretexto para a ação ilegal e violenta das forças federais, autorizada diretamente pelo presidente Jânio Quadros, foi a greve deflagrada pelos estudantes da Faculdade de Direito do Recife e da Universidade Rural, que reclamavam há muito tempo a abertura de inquéritos para apurar irregularidades que se verificavam naqueles dois estabelecimentos de ensino, pelas quais eram responsabilizados o professor Soriano Neto, diretor da Faculdade de Direito, e o diretor da Universidade Rural, professor Manuel Rodrigues. A ocupação das Escolas se verificou três dias após os estudantes terem iniciado a greve, por solicitação do ministro da Educação, sr. Frigido Tinoco, que fora enviado ao Recife pelo sr. Jânio Quadros a fim de tentar uma solução para pôr fim à greve, solução esta que não foi conseguida em virtude da intransigência da autoridade federal e da forma pela qual o mesmo conduziu as negociações com os representantes dos universitários.

A ECLOSÃO DA GREVE
Uma decisão arbitrária do professor Soriano Neto deu origem ao movimento estudantil. Os acadêmicos de Direito convidaram a sra. Célia Guevara para pronunciar uma conferência na sede do Grêmio da Faculdade na noite do dia 2. Sabedor do ocorrido, o professor Soriano Neto tentou, ilegalmente, já que é de tradição a independência dos grêmios estudantis em relação às diretorias das Escolas, impedir a sua efetivação. Verificando que as suas ameaças não surtiriam efeito, que a palestra se realizaria, como de fato se realizou, recorreu então ao expediente mesquinho de cortar a luz do recinto onde a mesma teria lugar.
A indignação dos estudantes chegou ao auge. A greve foi o resultado lógico. Aproveitava-se o protesto contra a atitude do professor Soriano Neto para realizar uma manifestação que pudesse levar o governo federal a tomar as medidas necessárias à apuração das irregularidades que se verificavam na escola e que de lá muito vinham sendo den-

unciadas. Os estudantes da Universidade Rural, cuja situação nesse terreno era semelhante à da Faculdade de Direito, imediatamente aderiram à greve. Na madrugada de sábado (dia 3) os edifícios das duas Escolas eram ocupados pacificamente pelos estudantes, que néles se mantiveram até a madrugada do dia 7, quando foram desalojados pelas tropas do IV Exército que iniciava a "operação intervenção".

A CRISE

A determinação dos estudantes, quando procederam a ocupação dos edifícios das Escolas, era exatamente a de levar o governo federal a atender os seus reclamos, ouvir e ordenar então o inquérito competente. O ministro Frigido Tinoco foi a Recife no dia 5, para discutir com os estudantes, segundo se anunciou, os problemas existentes. Realizou-se uma conferência: os representantes dos universitários relataram tudo o que conheciam, mostraram ao ministro os motivos reais que os levaram à greve, acusaram com provas os diretores da Faculdade de Direito e da Universidade Rural e solicitaram ao ministro a exoneração dos diretores acusados, durante a realização do inquérito. Este exigiu, entretanto, em troca do cumprimento das solicitações, que os estudantes retornassem imediatamente às aulas. Howe acordou e os representantes dos universitários entregaram ao ministro as chaves das Escolas, que tinham em seu poder.

A conduta posterior do sr. Frigido Tinoco levou a que se agravasse a situação. O ministro da Educação, ao contrário do que prometera aos estudantes, prestou os professores Soriano Neto e Manuel Rodrigues e investiu contra os universitários, ameaçando-os de sanções severas e dando a entender que os mesmos estavam praticando desordens e que nessas condições o governo federal não os ouviria. A atitude do ministro, antipática e antidemocrática, foi depois ratificada pelo presidente da República e por seus assessores mais diretos, através da divulgação de declarações à imprensa e dos já famosos bilhetinhos presidenciais.
Os estudantes, que se encontravam reunidos para decidir a suspensão do movimento, foram tomados de surpresa com a reação do ministro e com as notícias de que ele — ao contrário do que prometera — havia devolvido as chaves das Escolas aos seus diretores e tomara providências no sentido da ocupação dos edifícios das duas Faculdades pelas tropas do IV Exército.

Agravou-se então a crise. O governo federal transformou um movimento pacífico e justo, em protesto para pôr em ação um dispositivo repressivo que levou a uma situação de todo o território nacional. A ocupação do Recife pelas tropas do IV Exército, o deslocamento de contingentes militares fortemente armados de outros pontos do país, para a capi-

REPÚDIO E SOLIDARIEDADE

Nessa ocasião, os soldados agrediram também jornalistas e fotógrafos, tendo destruído as câmeras e inutilizado os filmes dos profissionais Guimarães e Lima, do "Diário de Pernambuco" e do "Jornal do Comércio". O jornalista Alexandrino Ramos, do "Jornal do Comércio" e correspondente do "Correio da Manhã" e de "Manchete" foi detido e solto somente uma hora depois.

VIOLAÇÃO DAS LIBERDADES

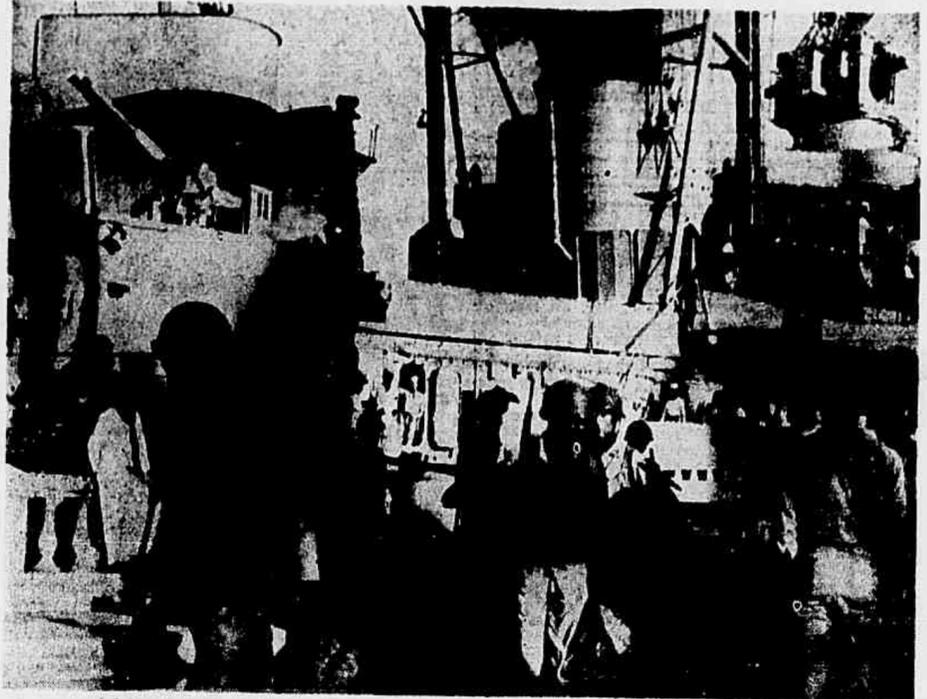
A ação do governo federal contra os estudantes estendeu-se a outros setores principalmente do sindical. Arbitrariedades se verificaram, entre as quais a prisão do jornalista Irineu Freire, diretor da Associação Pernambucana de Imigrantes e do ex-deputado comunista David Capistrano. Os dirigentes sindicais que integram o Conselho dos Sindicatos de Pernambuco foram postos sob observação pela polícia, que impediu as manifestações públicas e pacíficas legais programadas para se realizarem na capital pernambucana em solidariedade aos estudantes em greve.

Por outro lado, o rádio, a televisão e a imprensa passaram a ser censurados. As estações de rádio foram notificadas de que "não deviam transmitir qualquer informação sobre os acontecimentos sem prévia autorização das autoridades".

A greve dos universitários estendeu-se a medida que se intensificava a repressão federal contra os acadêmicos. Conscientes da justiça das reivindicações que levaram os seus colegas a manifestação, os estudantes das outras escolas superiores do Recife se declararam em greve de solidariedade e protesto contra os atos do governo federal. Também em estabelecimentos de ensino secundário as aulas foram paralisadas em sinal de protesto.

O vice-governador Pelopidas Silveira denunciou caudamente as provocações do governo federal contra os estudantes, numerosos deputados da Assembleia Legislativa repudiaram a declaração do ministro Frigido Tinoco, que teria afirmado, ao seu regresso a Brasília, que havia entregue a solução da questão ao ministro da Justiça, por considerar a greve dos estudantes pernambucanos um caso de polícia.

A Assembleia Legislativa do Estado, abrindo suas portas para os universitários e os trabalhadores ali instalaram o "quartel-general civil", um verdadeiro centro de defesa da democracia e das liberdades contra a repressão e as manifestações repressivas ordenadas pelo presidente da República, manifestou assim sua ampla solidariedade aos grevistas e o seu repúdio às provocações.



CIDADE OCUPADA

Tanques e carros de combate, foram colocados nos pontos estratégicos da capital pernambucana. De outras regiões do país, soldados foram enviados de avião para o Recife.

Unidades da marinha de guerra estacionaram no porto (foto) e desembarcaram fuzileiros navais que participaram da investida organizada por Jânio contra as liberdades.

Estudantes do País Inteiro

Repudiam Violências de JQ

As violências praticadas no Recife por tropas do Exército — seguindo determinações do próprio presidente da República — contra estudantes inermes que exerciam o direito de se reunir e expressar seu pensamento, geraram o protesto de todo o estudantado brasileiro.

A União Nacional dos Estudantes, órgão máximo dos universitários, teve destacada e serena atuação no movimento de solidariedade aos jovens pernambucanos sitiados na Faculdade de Direito.

Decidiu a UNE a imediata convocação de um Conselho Nacional Extraordinário, a ser realizado na própria capital de Pernambuco, além de ter enviado circular a todas as Unidades Estaduais de Estudantes, consultando-as sobre a oportunidade de desencadear um movimento grevista em todo o território nacional. O presidente da entidade, acadêmico Oliveira Guarnais, deslocou-se para o palco dos acontecimentos participando ativamente dos encontros

entre os estudantes em greve e as autoridades, procurando encontrar uma solução justa para o impasse.

11 DE AGOSTO
O tradicional diretório dos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo, o Centro Acadêmico 11 de Agosto, realizou um movimento de solidariedade de grande vulto, levando ao conhecimento de toda a população da capital paulista a sua opinião acerca dos acontecimentos de Recife. A agremiação declarou greve por tempo indeterminado para os acadêmicos de Direito e realizou várias manifestações de rua, destacando-se a gigantesca passeata que, partindo do prédio da escola, percorreu os principais pontos de São Paulo, aos brados de "Fica a greve em Recife", "Recife, sim; Jânio, não", "Abaixo a ditadura janiata". Depois da passeata, os jovens se reuniram no recinto da Faculdade, onde se manifestou em uma assembleia permanente.

S. PAULO EM PÉSO
Com a presença de representantes de 39 agremiações estudantis, a União Estadual dos Estudantes de São Paulo realizou seu Conselho de Presidentes, aprovando a deflagração da greve geral em todo o território bandeirante.

Alem da UEE e dos Diretórios Centrais das Universidades de São Paulo, Mackenzie e Católica, manifestaram bofetadamente seu repúdio às atitudes das autoridades que atacaram os jovens pernambucanos os centros acadêmicos das seguintes faculdades paulistas: Filosofia, Medicina, Politécnica, Engenharia Industrial, Engenharia da Macquenzie, Arquitetura e Farmácia e Odontologia. É interessante notar o incidente ocorrido na Faculdade de Filosofia de São Paulo, ocasionado pela atitude adotada pelo diretório acadêmico, considerada contrária aos interesses dos estudantes. O corpo discente da escola não se conformou com a decisão do diretor geral, resolver de-

A Cidade

Ana Montenegro

VÍTIMAS INOCENTES

Nesses últimos dias, uma dezena de crianças foi abandonada nas latas de lixo ou nas portas de várias casas. Não são animais, não. São crianças, mesmo. Se fossem animais tinham uma sociedade protetora qualquer, para guardá-las. Parece-me uma obrigação, aliás muito triste, preocuparmo-nos com essas crianças, que antes de nascer já estavam marcadas, esquecidas e até odiadas. Para onde irão? Terão uma casa? Farão parte de uma família? Serão criadas com um pouco de piedade, com um pouco de amor?

É bem possível que com tal número de crianças abandonadas, nas latas de lixo ou nas portas, seja necessário organizar uma seção nova, nos jornais, de crianças perdidas e achadas, ou para oferecer crianças brancas e pretas, meninos e meninas. Quem quer? E antes que o SAM se recolha para maltratá-las, para degradá-las, só podemos desejar é que alguém as recolha.
Preocupemo-nos, também, com as mães. Que dificuldade, que indiferença, que miséria, que desespero faz uma mulher abandonar o filho? Atrás de cada abandono de cada uma dessas crianças e de outras, que já foram abandonadas, haverá um drama. De fome. De vergonha. De incapacidade material ou moral, para criar um filho. Mas cada uma dessas tragédias ou todas, sem esforço, conclui-se, é parte da grande tragédia de uma sociedade decadente. No fundamental, são as causas econômicas, em particular, algumas vezes, e consequência dessa degradação é que a classe dominante se afunda. E os reflexos dessa degradação fazem-se sentir em outras camadas sociais. Há um concurso de "miss decote", onde cada participante deve mostrar mais e melhor os seios. Casamento de "travesti" na casa de milionário. Há um "rendez-vous" para os cachorros numa exibição que pode parecer muito eucênica, mas que não passa de um pequeno mercado, onde os empresários oferecem moeda e beleza por preços de ocasião. Não é o concurso em si, são as oportunidades mal conduzidas e bem aproveitadas. É a falta de proteção às mães. É a falta de respeito pela maternidade. É a falta de meios para a constituição da família e para sua manutenção. É todo um sistema de injustiças e amarguras. Crianças abandonadas nas latas de lixo.

NOVOS RUMOS